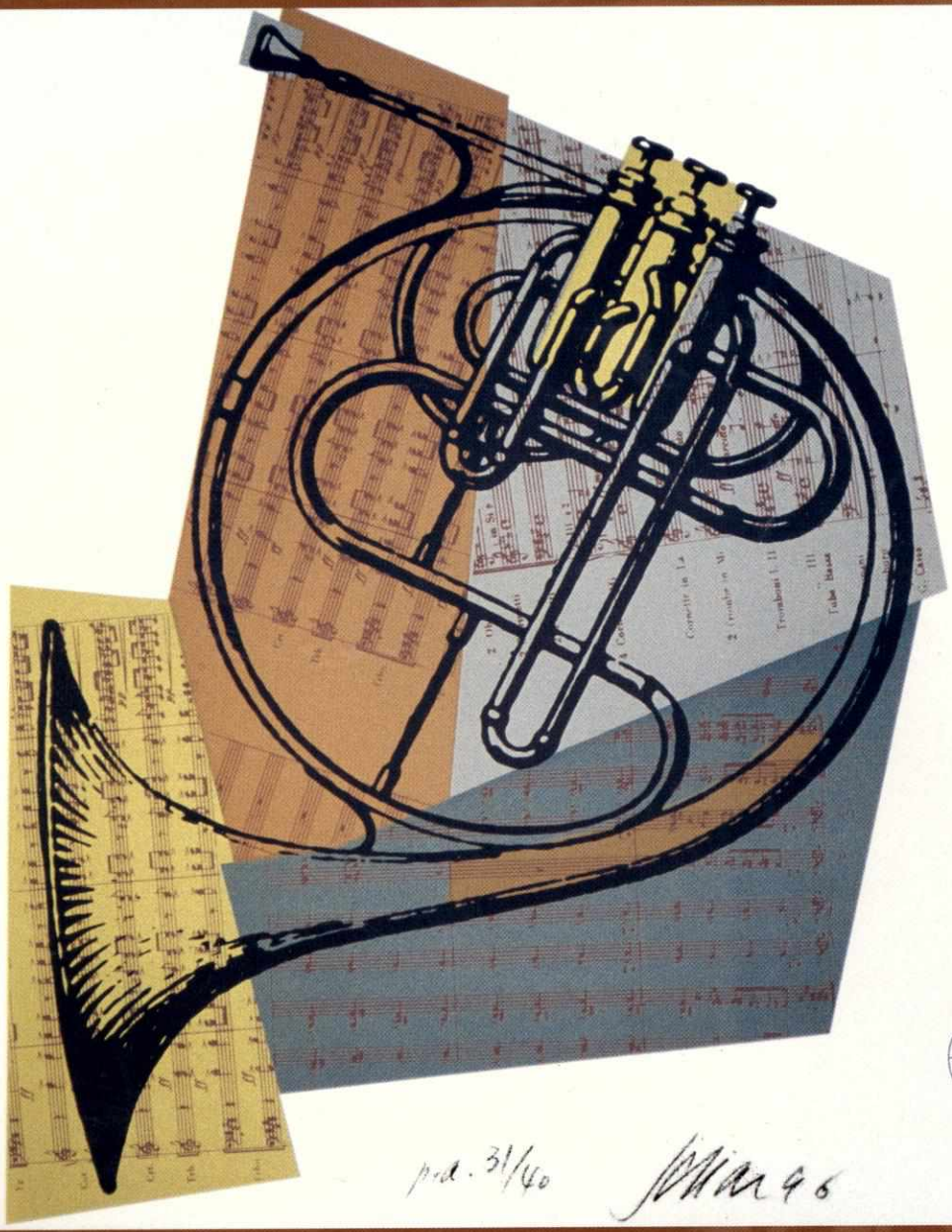
ISSN 1516-2427
número 14 / maio de 2003 / R$ 7,00

Brasiliana

Revista Quadrimestral da Academia Brasileira de Música



A Trajetória de José Penalva

Anna Stella Schic entrevista Darius Milhaud

Saudações a Ilza Nogueira e Lutero Rodrigues

Saudades de Mário Tavares

Reavaliando o Romantismo Musical Brasileiro

Atividades da ABM em 2002

Academia Brasileira de Música

Desde 1945 a serviço da música no Brasil

Diretoria: Edino Krieger (presidente), Mercedes Reis Pequeno (vice-presidente), Roberto Duarte (1 º secretario), Jocy de Oliveira (2º secretario), Ricardo Tacuchian (1º tesoureiro), Ernani Aguiar (2 º tesoureira) ***Comissão de contas:*** **Titulares:** Amaral Vieira, Aylton Escobar e Vasco Mariz. **Suplentes:** Ernst Mahle e Norton Morozowicz.

Cadeira	Patrono	Fundador	Sucessores
1.	José de Anchieta	Heitor Villa-Lobos	Ademar Nóbrega – Marlos Nobre
2.	Luiz Álvares Pinto	Fructuoso Vianna	Waldemar Henrique – Vicente Salles
3.	Domingos Caldas Barbosa	Jayme Ovalle e Radamés Gnattali	Bidu Sayão – Cecilia Conde
4.	J. J. E. Lobo de Mesquita	Oneyda Alvarenga	Ernani Aguiar
5.	José Maurício Nunes Garcia	Fr. Pedro Sinzig	Pe. João Batista Lehmann – Cleofe P. de Mattos – Roberto Tibiriçá
6.	Sigismund Neukomm	Garcia de Miranda Neto	Ernst Mahle
7.	Francisco Manuel da Silva	Martin Braunwieser	Mercedes Reis Pequeno
8.	Dom Pedro I	Luis Cosme	José Siqueira – Arnaldo Senise
9.	Thomáz Cantuária	Paulino Chaves	Brasílio Itiberê – Osvaldo Lacerda
10.	Cândido Ignácio da Silva	Octavio Maul	Armando Albuquerque – Régis Duprat
11.	Domingos R. Mussurunga	Savino de Benedictis	Mário Ficarelli
12.	José Maria Xavier	Otavio Bevilacqua	José Maria Neves –
13.	José Amat	Paulo Silva e Andrade Muricy	Ronaldo Miranda
14.	Elias Álvares Lobo	Dinorá de Carvalho	Eudóxia de Barros
15.	Antônio Carlos Gomes	Lorenzo Fernandez	Renzo Massarani – J. A. de Almeida Prado
16.	Henrique Alves de Mesquita	Ari José Ferreira	Henrique Morelenbaum
17.	Alfredo E. Taunay	Francisco Casabona	Yara Bernette – Belkiss Carneiro de Mendonça
18.	Arthur Napoleão	Walter Burle Marx	Sonia Maria Vieira Rabinovitz
19.	Brasílio Itiberê da Cunha	Nicolau B. dos Santos	Helza Cameu – Roberto Duarte
20.	João Gomes de Araújo	João da Cunha Caldeira Filho	Sérgio de Vasconcellos Corrêa
21.	Manoel Joaquim de Macedo	Claudio Santoro	Luiz Paulo Horta
22.	Antônio Callado	Luiz Heitor Corrêa de Azevedo	Jorge Antunes
23.	Leopoldo Miguéz	Mozart Camargo Guarnieri	Laís de Souza Brasil
24.	José de Cândido da Gama Malcher	Florêncio de Almeida Lima	Norton Morozowicz
25.	Henrique Oswald	Aires de Andrade Junior	Aylton Escobar
26.	Euclides Fonseca	Valdemar de Oliveira	Anna Stella Schic Philippot
27.	Vincenzo Cernicchiaro	Silvio Deolindo Frois	Francisco Chiafitelli – Jaime Diniz – José Penalva – Ilza Nogueira
28.	Ernesto Nazareth	Furio Franceschini	Aloisio Alencar Pinto
29.	Alexandre Levy	Samuel A. dos Santos	Enio de Freitas e Castro – Ricardo Tacuchian
30.	Alberto Nepomuceno	João Batista Julião	Mozart de Araújo – Mário Tavares –
31.	Guilherme de Mello	Rafael Batista	Ernst Widmer – Manoel Veiga
32.	Francisco Braga	Eleazar de Carvalho	Jocy de Oliveira
33.	Francisco Valle	Assis Republicano	Francisco Mignone – Lindembergue Cardoso – Raul do Valle
34.	José de Araújo Vianna	Newton Pádua	César Guerra-Peixe – Edino Krieger
35.	Meneleu Campos	Eurico Nogueira França	Jamary de Oliveira
36.	J. A. Barrozo Netto	José Vieira Brandão	Lutero Rodrigues
37.	Glauco Velasquez	João Itiberê da Cunha	Alceo Bocchino
38.	Homero Sá Barreto	João de Souza Lima	Turíbio Santos
39.	Luciano Gallet	Rodolfo Josetti	Rossini Tavares de Lima – Maria Sylvia T. Pinto – Amaral Vieira
40.	Mário de Andrade	Renato Almeida	Vasco Mariz

Membros honorários: Gilberto Mendes e Hans-Joachin Koellreutter. Membros correspondentes: Aurélio de la Veja (Cuba/USA); David Appleby (USA), Gaspare Nello Vetro (Itália), Gerhard Doderer (Alemanha/Portugal), Gerard Béhague (França/EUA); Robert Stevenson (EUA) e Stanley Sadie (Inglaterra).

Academia Brasileira de Música Praia do Flamengo, 172/ 11º andar – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
CEP 22210-030 – Telefax: (21) 2205-3879 / 2205-1036 – www.abmusica.org.br – abmusica@abmusica.org.br

REVISTA BRASILIANA – ISSN 1516-2427

Conselho Editorial: EDINO KRIEGER, LUIZ PAULO HORTA, MERCEDES REIS PEQUENO, RÉGIS DUPRAT, RICARDO TACUCHIAN E VASCO MARIZ (COORDENADOR). ***Assessora Técnica:*** VALÉRIA PEIXOTO. ***Projeto Editorial e Edição:*** HELOISA FISCHER. ***Editoração:*** HYBRIS DESIGN. ***Capa***: SERIGRAFIA DE CARLOS SCLIAR ***Foto:*** CLARISSE HÄMMERLI ***Produção:*** ANDREA FRAGA D'EGMONT. ***Versões em inglês:*** LAURA RÓNAI. ***Revisão:*** CRISTIANE DANTAS. ***Fotolitos:*** MERGULHAR. ***Distribuição:*** PAULO GARCIA. ***Tiragem desta edição:*** 1.000 EXEMPLARES. *Os textos para publicação devem ser submetidos ao conselho editorial, sob a forma de disquete ou enviados por correio eletrônico (editor de texto Word 6.0 ou versão mais nova, máximo 12 laudas de 25 linhas com 70 toques, incluídos exemplos, ilustrações e bibliografia). As opiniões e os conceitos emitidos em artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores.*

O Nº 14 da *Brasiliana* registra com prazer a eleição recente de tres novos acadêmicos: Ilza Nogueira e Lutero Rodrigues, já empossados (saudações de boas-vindas nas págs. 16 e 20) e Roberto Tibiriçá, cuja posse ocorrerá no dia 23 de junho próximo. São três destacados batalhadores em favor da música brasileira, cuja presença muito enriquece a Casa de Villa-Lobos.

A instituição vive momento de intensa produção, com o eminente lançamento de dois livros e um CD.

Com prefácio do saudoso presidente José Maria Neves, que se empenhou em sua publicação, a ABM lança uma edição facsimilar das *Sonate da Cimbalo di Piano e Forte*, do italiano Lodovico Giustini di Pistoia, editadas em Florença em 1732. Trata-se de um grupo de sonatas comissionadas por um brasileiro, Dom João de Seixas da Fonseca Borges, nascido no Rio de Janeiro e formado no Mosteiro Beneditino da Bahia, e que estagiou por longos anos na Europa. A apresentação das obras e a coordenação de sua atual edição facsimilar coube ao musicólogo alemão radicado em Lisboa, Gerhard Doderer. Uma gravação em CD das sonatas pela cravista Cremilde Rosado Fernandes, num pianoforte de 1767, será encartada ao livro.

Outra publicação de grande interesse é a monografia *Fructuoso Vianna, Orquestrador do Piano*, do paulista Marcos Câmara de Castro, vencedora do I Concurso Nacional de Monografias instituído no ano passado pela ABM. Com o lançamento desse livro, será anunciado também o II Concurso Nacional de Monografias, que levará o nome do idealizador do primeiro certame – José Maria Neves.

Também o selo ABM Digital é enriquecido pelo CD *Ouvindo Osvaldo Lacerda*, com obras do ilustre compositor e acadêmico executadas por Eudóxia de Barros e Mário Balzi, pianos, Cláudio Micheletti, violino, Denise de Freitas, meio-soprano, e Sávio Sperandio, baixo.

A próxima edição da revista Brasiliana trará informações completas sobre estes lançamentos.

A ABM amplia também suas parcerias, lançando este ano, com a Orquestra Petrobras Pró Música, o I Concurso Nacional Claudio Santoro para Jovens Compositores, cujo regulamento será divulgado proximamente. E amplia-se o espaço físico da nossa sede própria, com a aquisição de um novo conjunto de salas, de modo a ocupar, a nova sede, todo o 12º andar da Rua da Lapa, 120.

Finalmente, a capa deste número presta homenagem à memória do grande artista plástico Carlos Scliar, autor da capa do primeiro número da *Brasiliana*, em cuja obra a música é uma presença marcante, como bem comprova a bela serigrafia que hoje reproduzimos, integrante do álbum *Carlos Scliar – Homenagem a Carlos Gomes*, editado em 1996, ano do centenário de morte do mestre brasileiro.

Edino Krieger

Presidente da Academia Brasileira de Música

Sumário

Reavaliando o Romantismo Musical Brasileiro
Por Ricardo Tacuchian ..... *pág. 2*

A Trajetória de José Penalva
Por Elisabeth Seraphim Prosser ..... *pág. 8*

Darius Milhaud: 80 Anos de Música
Por Anna Stella Schic Philippot ..... *pág. 12*

Saudação a Ilza Nogueira
Por Vasco Mariz ..... *pág. 16*

Saudação a Lutero Rodrigues
Por Ernani Aguiar ..... *pág. 20*

Perfil dos Acadêmicos
Cadeiras 29, 30, 31 e 32 ..... *pág. 23*

Atividades da ABM Resumo 2002 ..... *pág. 27*

Brasilianas ..... *pág. 29*

Obituário ..... *pág. 31*

Resenhas ..... *pág. 32*

Lançamentos ..... *pág. 34*

Resumos em Inglês (Abstracts) ..... *pág. 35*

Colaboram Nesta Edição ..... *pág. 36*

Reavaliando o Romantismo Musical Brasileiro

RICARDO TACUCHIAN

Um panorama do atual estágio de conhecimento sobre o Romantismo Musical Brasileiro. O artigo aponta as razões que levaram a música brasileira do século 19 e início do século 20 a um silencioso ostracismo e levanta questões sobre o seu renascimento.

O estágio atual de conhecimento da história da música brasileira vem apresentando uma nova visão do Romantismo Musical Brasileiro, depois de um longo período privilegiando a música colonial ou aquela que se segue à Semana de Arte Moderna. A música que surgiu no Império e nos primeiros anos da República ficou em relativo esquecimento ou era referida de modo pejorativo, por causa de sua vinculação estética com a Itália, Alemanha ou França. Este texto visa dar à música do Segundo Reinado e da Primeira República o seu justo significado, procurar responder às razões que a levaram a um silencioso ostracismo e selecionar algumas pesquisas sobre o tema.

Em 1956, Luiz Heitor, em seu livro *150 Anos de Música no Brasil (1800-1950)* nos fala o seguinte:

> A música brasileira que o historiador pode apreciar à luz da crítica começa com o século XIX. Pelo menos até agora nossos conhecimentos de um mais remoto passado musical não permitem ao estudiosos, salvo exceções inexpressivas, compulsar documentação que os habilite a julgar, segundo o seu critério, as produções dos mestres que o ilustraram. Conhecêmo-los pelas crônicas do tempo ou simples referências de contemporâneos. Mas ignoramos quase totalmente a sua obra.[1]

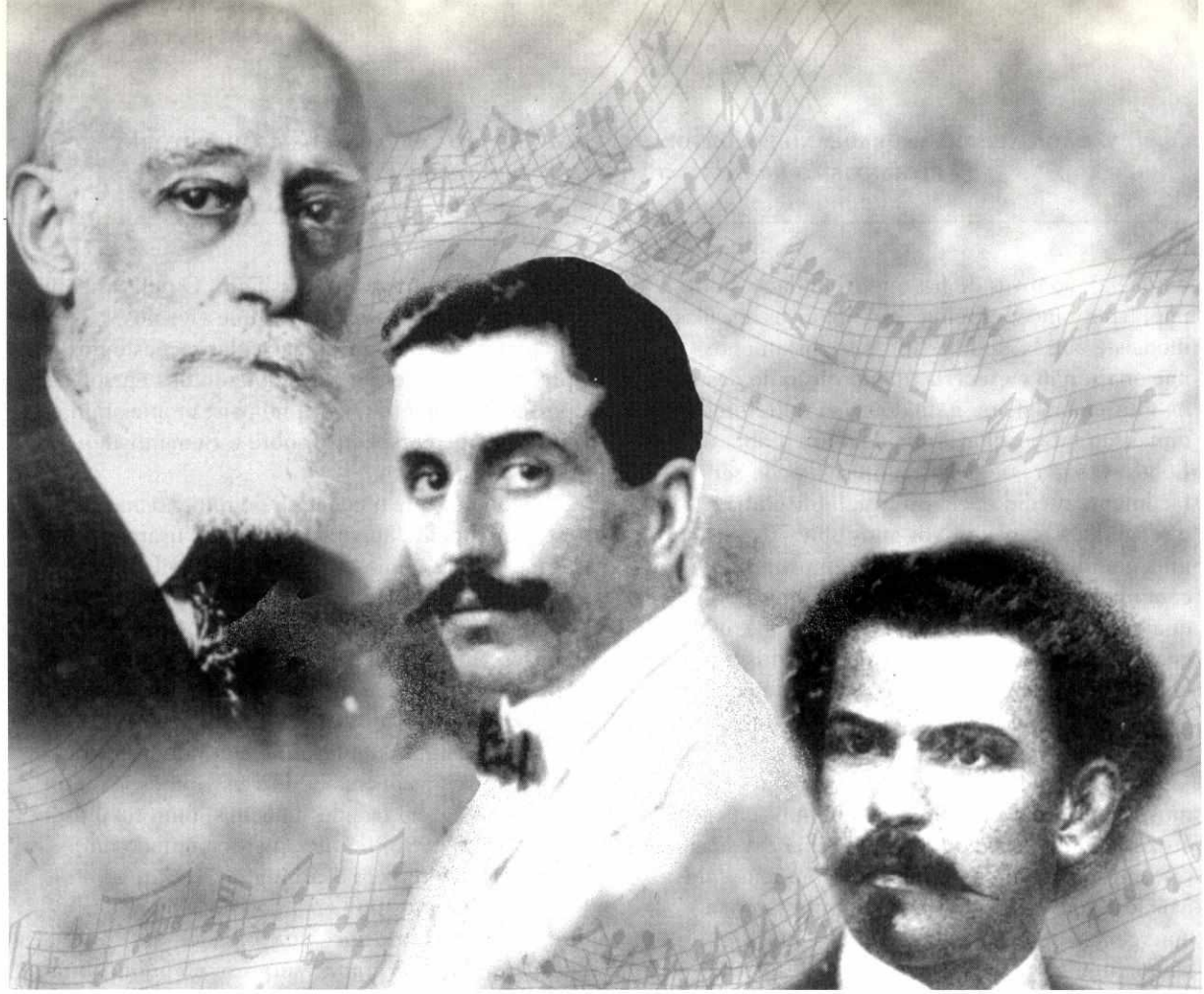
Entretanto, Luiz Heitor, mostrando incrível perspicácia, previu que um tesouro musical anterior ao século XIX, estaria latente, esperando vir à luz pelas mãos de novos pesquisadores. Assim, ele afirma:

> Como expressão do gênio criador brasileiro é provável que essa música possa estar ausente do panorama geral da arte em nossa terra. Mas é necessário que as pesquisas para a sua reconstituição prossigam ativamente, pois o interesse histórico que apresenta não padece discussão; e há que contar com as surpresas, que podem invalidar o que acima ficou dito e trazer à luz obras importantes, que façam recuar aquele marco prematuro, estabelecido, de acordo com os nossos conhecimentos atuais, para assinalar o início da música brasileira capaz de figurar não somente em memórias históricas mas, também, por intermédio de realizações dignas de permanência, em nossos programas de concertos ou outros atos da vida musical contemporânea.[2]

E, realmente, a previsão de Luiz Heitor se confirmou, recuando drasticamente o início documental da história da música brasileira. Esta emergência de documentos coloniais deveu-se, inicialmente, a Francisco Curt Lange, há mais de meio século. Seu artigo "La Música en Minas

1. LUIZ HEITOR [Corrêa de Azevedo], *150 Anos de Música no Brasil (1800-1950)* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed. 1956): 9.

2. Idem: 9



Oswald, Velasquez e Carlos Gomes: exemplos de compositores que recuperam posição de destaque no panorama musical

Reprodução

Gerais; un informe preliminar" publicado no *Boletin Latino Americano de Música* de abril de 1946, já nos dá uma pista de quanto fora representativa a música no período colonial brasileiro. Outros pesquisadores seguiram aquela trilha apontada por Curt Lange, entre eles Regis Duprat, Vicente Salles, José Maria Neves, Gerard Béhague e Robert Stevenson, para citar apenas os pioneiros. Mais recentemente, uma plêiade de jovens estudiosos continua suas pesquisas no afã de levantar novos documentos musicais e restaurar partituras manuscritas, publicando artigos, proferindo palestras e comunicações em congressos e defendendo teses de mestrado em cursos de pós-graduação em Música. Várias edições modernas de música daquela época estão publicadas, vários arquivos eclesiais e de Santas Casas estão sendo organizados com seu acervo microfilmado à disposição da comunidade de pesquisadores e músicos e várias gravações foram produzidas com este repertório. Portanto, podemos afirmar que já existe um significativo *corpus* de conhecimento da música colonial brasileira, com uma infra-estrutura documental que permite a geração de cada vez mais conhecimento sobre esta importante etapa da música brasileira.

Do outro lado da história temos a eclosão da Semana de Arte Moderna em 1922, com a doutrina Mário de Andrade, pregando a atualização da linguagem musical, mas dentro de um contexto marcadamente nacionalista. A postura dos modernistas era de desprezo aos compositores que seguiam orientação romântica. Estes foram criticados ou condenados ao esquecimento. Embora Mário de Andrade tenha timidamente reconhecido o valor de um Carlos Gomes ou de um Henrique Oswald, sua ênfase era os compositores modernistas. Por exemplo, em *Música, Doce Música,* Mario afirma:

> Henrique Oswald foi incontestavelmente mais completo, mais sábio, mais individualmente inspirado que Alberto Nepomuceno, por exemplo; porém a sua função histórica não poderá jamais se comparar com a do autor da *Suíte Brasileira*. Eis porque eu o considerava teoricamente um inimigo.[3]

Em outras palavras, se o artista possuísse uma linguagem mais universal (e, neste caso, leia-se mais

3. Mário de ANDRADE, *Música, Doce Música* (São Paulo, Livraria Martins, 1976)

européia), ao invés de basear-se em danças populares, síncopes, citações folclóricas, escalas modais e outras características supostamente nacionais, não mereceria uma posição de destaque na música brasileira. Esta doutrina foi reforçada pela dimensão internacional que adquiriu a obra de Villa-Lobos. O interesse pela sua música pode ser facilmente medido pela extensa bibliografia e discografia a respeito. Nos anos 60 e 70 assistimos a uma grande reação vanguardista, procurando novos caminhos para a música brasileira e negando qualquer elo com o passado. Dessa forma, os compositores do assim chamado romantismo brasileiro tiveram seus nomes e suas obras mais esquecidas ainda, tanto pelos modernistas nacionalistas como pelos vanguardistas.

Portanto, até há pouco tempo atrás, a musicologia brasileira privilegiava a música colonial ou a música do século XX, esta última em suas duas vertentes antagônicas: o nacionalismo musical e a Música Nova ou de vanguarda.[4] Entretanto, a emergência de novos pesquisadores, já suficientemente distanciados do radicalismo andradeano ou da ortodoxia da vanguarda, começam a lançar novas luzes sobre a riqueza do patrimônio musical do romantismo brasileiro. O pensamento pós-moderno dos tempos em que vivemos, propiciando a superação das polarizações e dos preconceitos, além do crescimento dos cursos de pós-graduação em música no país, propiciaram esta mudança de perspectiva sobre o Romantismo Musical Brasileiro.

Nepomuceno: a maior expressão em canção de câmara

Sabemos que o conceito de romantismo musical é extremamente aberto. Entretanto, usaremos este termo apenas como um rótulo de significado relativo, com o objetivo de facilitar a comunicação das idéias aqui expostas. O primeiro grande nome da música brasileira no século XIX foi Carlos Gomes. Possivelmente, nenhum outro compositor brasileiro alcançou tal projeção internacional como Carlos Gomes. Segundo um levantamento de Gaspare Nello Vetro[5], as óperas de Carlos Gomes já foram montadas em 95 cidades italianas, num total de 127 teatros. Em 1996, *Il Guarany* foi montado no Kennedy Center, em Washington, DC, tendo Placido Domingo no papel de Peri. Foram dez récitas de absoluto sucesso e casa lotada, despertando uma grande surpresa no público norte-americano pelo compositor operístico do Novo Continente. Aliás, sua estréia nos Estados Unidos fora em 1893, com apresentação de trechos das óperas *Il Guarany, Salvator Rosa* e *Condor*, na Exposição Universal Colombina de Chicago. A obra deste compositor, que morreu com apenas 60 anos de idade, foi apresentada durante sua vida e após sua morte em quase toda a Europa, de Portugal a Rússia. Em 1937, o Teatro alla Scala de Milano, onde Gomes teve tão grandes triunfos, desde sua estréia em 1870, com *Il Guarany*, prestou uma homenagem ao compositor campineiro. Participaram desta homenagem estrelas como o tenor Beniamino Gigli. Aliás, no museu deste Teatro, Carlos Gomes possui um lugar de destaque, entre as grandes estrelas da ópera mundial. Uma das grandes lendas do bel canto, Enrico Caruso, está entre os artistas que gravaram a música de Gomes.

Nenhum outro compositor do Novo Mundo alcançou maior repercussão na Europa como Carlos Gomes. Entretanto, após a Semana de Arte Moderna, a ascensão vertiginosa de Villa-Lobos, a polêmica Guarnieri/ Koellreutter e o fastígio da vanguarda dos anos 60/ 70 conduziram o nome de Carlos Gomes a um incrível esquecimento e, até certo ponto, rejeição. O respeitável historiador e

4. Nos anos 80 e 90 esta polarização deixou de existir, entrando em cena várias outras correntes como o neoclassicismo tardio, o pós-romantismo tardio e o pós-modernismo.

5 Gaspare Nello VETRO, Antonio Carlos Gomes, *Il Guarany* (Parma: Collezione storica di "Malacoda", 1996): 115-6.

compositor Bruno Kiefer chegou a afirmar que "seria ridículo pretender forçar a natureza das coisas, atribuindo a Carlos Gomes uma capacidade criadora em extensão e profundidade – que ele não teve".[6]

Nos últimos 20 anos, o nome de Carlos Gomes vem despertando um novo interesse dos estudiosos e dos artistas e entidades culturais. Novas gravações vieram à luz e antigas gravações foram remasterizadas. A última notícia sobre o "renascimento" de Carlos Gomes é o *Projeto Memória da Ópera Brasileira,* coordenado por Achille Picchi e Fábio Gomes de Oliveira, que acabam de restaurar a ópera *Joanna de Flandres*, com o apoio da empresa Unisys: belo exemplo do empresariado e que deveria ser imitado por outras firmas. Outra iniciativa recente, digna de registro, foi a montagem da pouco conhecida ópera *Condor*, a última escrita por Carlos Gomes. Uma inicitativa de Luiz Fernando Malheiro, à frente da sexta edição do Festival de Ópera do Teatro de Manaus. Antes, em 1998, o oratório *Colombo* fora gravado, por iniciativa do maestro Ernani Aguiar e com a participação do barítono Inácio de Nonno. A obra para piano de Carlos Gomes foi editada, publicada e gravada. Em Campinas, existe um arquivo com cópias e originais de Carlos Gomes e obras de seus contemporâneos. Foi fundado oficialmente em 1954 com o nome de Museu Carlos Gomes e seu acervo foi devidamente classificado pela musicóloga Lenita Waldige Mendes Nogueira.[7] Em 1999, a Universidade de São Paulo adquiriu os manuscritos autógrafos da ópera *A Noite no Castelo*, só conhecida anteriormente por versões incompletas. Iniciativas como essas revelam que novas perspectivas se projetam sobre a música brasileira do século XIX, libertando-a de velhos preconceitos que exigiam da obra musical uma linguagem tipicamente brasileira. O uso de um critério tão estreito não considera o momento histórico em que uma obra foi escrita. Não seria possível que Carlos Gomes, em sua época, escrevesse uma obra com outra linguagem que aquela que o consagrou a não ser que optasse pelo wagnerismo. Hoje, seria inaceitável que um compositor se expressasse operisticamente dentro da linha verdiana ou wagneriana.

Num estudo que fizemos em aberturas de óperas brasileiras das décadas de 1860 e 70, todas vinculadas à Escola Italiana que tanto influenciou o Brasil no século XIX, definimos algumas características que dão o perfil da música daquela época. Assim, trata-se de obras com uma textura rigorosamente homofônica, com quase abolição de qualquer traço polifônico. Os acompanhamentos orquestrais seguem um padrão rítmico bem definido que caracteriza cada seção da obra. É muito comum o repouso com fermata em uma cadência (geralmente a dominante) sobre a qual ocorre uma passagem com caráter improvisatório. Chamamos esta constância de "suspense" cadencial. O melodismo é cantabile, isto é, com poucos saltos e fraseologia periódica (sucessão de frases separadas por pontuações cadenciais). A orquestração tem um caráter de banda (às vezes em "estilo fanfarra") o que explica, em parte, a importância das bandas como veículo de divulgação do repertório de ópera no Brasil. A harmonia é triádica, com modulações para tons próximos. Grandes contrastes entre passagens de culminância e de intimismo reforçam o apelo emocional hedonístico, muito ligado à estética verdiana. Pois foram estas as fontes com que Gomes forjou seu estilo.

Só poderemos estudar, analisar, criticar e compreender o repertório da época se partirmos das premissas relatadas acima. O musicólogo não pode se ater a um documento musical isolado, analisando-o dentro de sua perspectiva pessoal, mas sim num contexto histórico, cultural e estético.

As árias das óperas brasileiras das décadas de 60 e 80 também apresentam certas caraterísticas que podem ser assim resumidas: ênfase no bel canto; uso da orquestra como suporte "colorido" da voz; uso da introdução "interrompida", isto é, a orquestra apresenta parte da melodia que vai ser cantada pelo solista, mas interrompe-a, antes de sua conclusão (procedimento bastante usado por Verdi); novamente a presença do "suspense" cadencial; freqüente intervenção do coro no meio das árias; e, por fim, estruturação formal dependente do texto, com total abandono das fórmulas fixas como, por exemplo, a *aria da capo*.

Em 1994, a musicóloga Maria Alice Volpe defendeu uma dissertação de mestrado no Instituto de Artes da UNESP, sob o título *Música de Câmara do Período Romântico Brasileiro: 1850-1930*. A pesquisadora levantou, dentro daquele período, um total de 397 títulos de 67 compositores, revelando uma outra vertente do romantismo musical brasileiro: a música de câmara. Os compositores vão de Santana Gomes (nascido em 1834) até Glauco

6 KIEFER, Bruno. *História da Música Brasileira dos Primórdios ao Início do Século XX* (Porto Alegre: Ed. Movimento, 1976): 99.

7. NOGUEIRA, L. W. M. *Catálogo de Manuscritos Musicais* (São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1997).

Velasquez (nascido em 1884). A autora levantou manuscritos, peças publicadas e outros documentos referenciais em diferentes arquivos como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a Biblioteca Alberto Nepomuceno da UFRJ, o Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, o Centro Cultural de São Paulo, o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, o Museu Carlos Gomes de Campinas, a Discoteca Pública Natho Hehn de Porto Alegre, o Museu Villa-Lobos do Rio, o Museu da Imagem e do Som (Rio), a coleção particular de Sérgio Nepomuceno Alvim Correa (neto de Alberto Nepomuceno) e o acervo de manuscritos do Arquivo Municipal de Salvador, Bahia. Além disso, foi feita uma pesquisa em fontes bibliográficas abordando cerca de 30 títulos.

O repertório constou de músicas de câmara para dois até oito instrumentos, excluídas as canções de câmara. Deste acervo, cerca de 70% constituem peças de morfologia curta, isto é, danças (15%), como o minueto e a valsa, música brilhante (5%) como as fantasias e os caprichos e peças líricas (50%), como o romance e a *berceuse*. Os 30% restantes correspondiam a peças de morfologia longa, isto é, obras com mais de um movimento, afins à forma-sonata. Entre outras peças de morfologia longa, para usar a mesma nomenclatura da referida autora, foram registrados 26 quartetos de cordas, 13 trios para violino, violoncelo e piano, 11 sonatas para violino e piano, 6 sonatas para violoncelo e piano, além de outras configurações como o quarteto com piano, o quinteto com piano e um octeto para cordas (de Henrique Oswald). Os compositores que mais escreveram quartetos de cordas (quatro, cada um) foram Henrique Oswald, João Gomes Jr., Meneleu Campos e Alberto Nepomuceno. Oswald escreveu um magnífico *Trio para violino, violoncelo e piano*. Este mesmo gênero foi também abordado com muita propriedade por Alberto Nepomuceno e Glauco Velasquez. No conjunto do repertório camerístico, o compositor romântico brasileiro que mais se destacou foi Oswald, o "teoricamente, um inimigo" de Mário de Andrade.

Atualmente o nome de Henrique Oswald vem recuperando uma posição de destaque no panorama da música brasileira, merecendo inúmeras gravações e estudos publicados dos quais se destaca a pesquisa do pianista José Eduardo Martins.[8] Quase todo o acervo de Henrique Oswald foi doado ao Arquivo do Departamento de Música da ECA/USP, pela família do compositor. Restaram, ainda, alguns documentos na Biblioteca Alberto Nepomuceno, no Arquivo Nacional e na Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional.

Leopoldo Miguéz é outro compositor romântico que se destacou na música de câmara com sua monumental *Sonata para violino e piano Op. 14*, escrita entre 1882 e 1884. As mais importantes sonatas européias para violino e piano do final do século XIX foram escritas depois da *Sonata* de Miguez. Assim, temos a *Sonata Nº 1 em Ré menor* de Saint-Saëns (1885), a *Sonata em Lá maior* de Cesar Franck (1886) e as *Sonatas em Lá maior* (1886) e em *Ré menor* (1885-1888) de Johannes Brahms. A *Sonata* de Miguéz se equipara em grandeza, fatura, força expressiva e vigor às suas contrapartes européias. O violinista Paulo Bosísio notou mesmo alguns procedimentos que antecipam o que seria usado depois por Saint-Saëns, César Franck ou Brahms. Certamente, se Miguéz fosse um compositor europeu, sua *Sonata* estaria no repertório dos grandes violinistas, ao lado dos outros três autores citados. No entanto, esta *Sonata* não é sequer citada no livro de Bruno Kiefer, apesar dela ter sido publicada na época em que foi composta. Kiefer afirma que "Leopoldo Miguez compôs uma obra que não trouxe a menor contribuição para uma música de características brasileiras. A rigor, não foi um criador. Dominava o seu *métier*, não há dúvida, mas foi para seguir como epígono, as pegadas de Liszt e Wagner, sobretudo deste último."[9]

A música para piano foi outro universo do romantismo brasileiro. O piano era um instrumento muito popular, sendo que, em meados do século XIX, na então provinciana cidade do Rio de Janeiro, havia cerca de 40 professores particulares de piano[10]. Paulo Rogério Campos de Faria escreveu uma interessante dissertação de mestrado (UFRJ, 1996), intitulada *Pianismo de Concerto no Rio de Janeiro do Século XIX*, onde são tratados todos os aspectos da importância social do instrumento na chamada "cidade dos pianos". Henrique Oswald foi um excelente pianista e nos deixou um repertório de fina fatura. Resta lembrar que sua peça para piano *Il Neige* tirou o primeiro lugar num concurso internacional patrocinado pelo jornal *Le Figaro*, de Paris, e no qual participaram 600 concorrentes. O júri foi composto por Louis Diémer, Saint Saëns e Gabriel Fauré.

8. MARTINS, José Eduardo. *Henrique Oswald, Músico de uma Saga Romântica* (São Paulo: EDUSP, 1995).

9. KIEFER, op. cit. :126-7.

10. ABREU, Maria e GUEDES, Zuleika Rosa. *O Pianismo na Música Brasileira* (Porto Alegre: Movimento, 1992: p. 11).

A PARTIR DE MIGUEZ E OSWALD A MÚSICA DE CONCERTO ALCANÇOU HEGEMONIA, MAS FOI COM LEVY E NEPOMUCENO QUE SURGIU UMA CONSCIÊNCIA NACIONALISTA.

Outra vertente do romantismo brasileiro foi a canção de câmara. Com raízes na modinha e no lundu, mas fortemente influenciada pelo *Lied* alemão, a canção de câmara teve, nas mãos de Alberto Nepomuceno, a sua maior expressão. Nepomuceno possui cerca de uma centena de canções, a maioria ainda em manuscritos zelosamente guardadas pelo seu neto Sérgio. Aliás, foi Alberto Nepomuceno quem desencadeou uma campanha pela canção de câmara com texto em vernáculo.

Apesar do eixo da música brasileira ter se deslocado do gênero sacro, no período colonial, para o teatro de ópera, durante o Império e para a música de concerto, nos últimos anos do Império e na Primeira República, ainda assim, compositores como Nepomuceno e Oswald nos deixaram importantes obras religiosas.

Por fim, um breve comentário sobre a música sinfônica. O romantismo gerou, na Europa, entre outros gêneros, o poema sinfônico. No Brasil, os compositores românticos também abordaram este gênero, tais com Alexandre Levy (*Comala*), Miguéz (*Ave Libertas, Parisina e Prometeus*), Oswald (*Festa*) e Francisco Braga (*Paysage, Cauchemar, Episódio Sinfônico, Marabá* e *Insônia*). Braga chegou a viver durante a primeira metade do século XX e apresentou um estilo romântico tardio com remotas cores nacionalistas. Se a partir de Miguez e Oswald a música de concerto no Brasil alcança a sua hegemonia em relação aos outros gêneros, é com Levy e Nepomuceno que se verifica uma consciência nacionalista.

Na verdade, este "som brasileiro" só seria "inventado" mais tarde por Heitor Villa-Lobos. Mesmo o *Samba da Suite Bresiliene* de Levy ou o *Batuque* da *Série Brasileira* de Nepomuceno possuem muito mais acento do romantismo europeu do que sugestões de música popular brasileira. De qualquer forma, são obras que têm valor por si mesmas, independentemente de sua vinculação estética (européia ou nacionalista). A moderna musicologia brasileira começa a compreender este fato e está resgatando todo este tesouro musical, com edições cuidadas e estudos metodologicamente corretos. Os solistas e regentes também têm projetado nova luz sobre este repertório, registrando-o em gravações modernas. Nos dias primeiro e dois de dezembro de 2002, foram apresentadas no Theatro Municipal de São Paulo, com a Orquestra Sinfônica Municipal sob a regência de Lutero Rodrigues, três obras sinfônicas que há muito estavam "esquecidas", no repertório brasileiro: *Chant Elegiaque de Savino* de Benedictis, *Sinfonia N. 5 em Mibemol maior* de João Gomes de Araújo e o *Concerto para violino e orquestra em Ré menor* de Henrique Oswald. Estas partituras foram recuperadas pelo Projeto Memória Musical, coordenado por Erich Lehninger, que foi o intérprete do concerto de Oswald.

Resta citar as quatro das primeiras sinfonias brasileiras que representam a grande dimensão de nosso romantismo musical: de 1882, a *Sinfonia em Sib* de Leopoldo Miguéz; de 1889, a *Sinfonia em Mi* de Alexandre Levy; de 1893 a *Sinfonia em Sol menor* de Alberto Nepomuceno; e de 1915, a *Sinfonia Op. 43* de Henrique Oswald. Devemos acrescentar a estas sinfonias, mais seis escritas por João Gomes Araújo, a primeira em 1899 e a última em 1923. Somente a *Quinta Sinfonia* é, modernamente, conhecida. Sobre a *Sinfonia* de Nepomuceno, Kiefer afirma que "não apresenta maior interesse para a música brasileira"[11]. Este tipo de preconceito está sendo superado atualmente. A *Sinfonia* de Nepomuceno, apesar de não apresentar nenhum traço de brasilidade explícita, se situa no mesmo nível de autor europeu coevo.

Em 1994, a musicóloga brasileira Cristina Magaldi defendeu sua tese de PhD na UCLA, Estados Unidos, intitulada *Concert Life in Rio de Janeiro*, 1837-1900. Nesta pesquisa a autora levanta importantes documentos referentes à vida musical no século XIX na então capital do país. Mostra a grande efervescência musical da cidade com seus concertos públicos, salões particulares, sociedades e clubes musicais. O repertório é devidamente analisado bem como o movimento editorial de partituras e periódicos é arrolado e os principais mestres estrangeiros que se fixaram no Rio são estudados. Magaldi conclui que as mudanças da vida musical ocorridas no final do século foram o resultado das transformações políticas, sociais e econômicas da sociedade brasileira. O trabalho de Cristina Magaldi é um dos mais completos sobre a vida musical brasileira, pelo menos no Rio de Janeiro, do século XIX. Parece que aquela zona de sombra e indiferença sobre a música do século XIX e da Primeira República está se desfazendo. Esta música emerge com grande pujança como um luminoso patrimônio espiritual do povo brasileiro, paralelamente à música colonial que a antecedeu e à música de Villa-Lobos e pós-villalobiana que a seguiu.

11. KIEFER, op. cit.: 117.

A Trajetória de José Penalva*

ELISABETH SERAPHIM PROSSER

O artigo contém informações sobre a vida, a obra, a linguagem estilística e o pensamento do acadêmico José Penalva, permitindo avaliar sua dimensão, seu conteúdo, sua expressividade e sua importância na música brasileira atual. A obra de padre Penalva demonstra, de um lado, um compositor preocupado com o lado reflexivo e filosófico da criação; de outro, um músico de humor refinado e de profunda humanidade.

José de Almeida Penalva, compositor, regente, professor, musicólogo, crítico e escritor, nasceu a 15 de maio de 1924 e faleceu em 20 de outubro de 2002. Sua trajetória funde-se à história de Curitiba, onde viveu, de Campinas, onde nasceu, e de todo o país, por sua atuação incansável como músico, educador e sacerdote, exercendo influência sobre inúmeros músicos, compositores e estudiosos brasileiros.

Estudou composição com De Benedictis e Cozzela, no Brasil, e com Porena, em Roma, onde fez o doutorado na Universidade Gregoriana.

Radicado em Curitiba, voltou à Europa em outras ocasiões, quando participou de forma intensa da vida cultural de vários países e presenciou momentos decisivos no desenvolvimento da música ocidental.

O PROFESSOR – Por mais de quatro décadas, foi um dos principais professores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná e da Escola Superior de Música de Blumenau, lecionando Composição, Regência, Música do Século XX, Contraponto e Fuga e Análise Estética. Foi professor convidado de numerosos cursos de férias, entre eles: Campos do Jordão, Curitiba, Goiânia, Londrina, Rio de Janeiro e Teresópolis. Em vários ocupou posição de direção.

Atuou, ainda, na organização da vida musical nacional: foi membro fundador da Seção Brasileira da Sociedade Internacional de Música Contemporânea e da Sociedade Brasileira de Musicologia, da qual foi vice-presidente e conselheiro. Foi fundador do Conselho Estadual de Cultura do Paraná e fundador e ex-presidente da Sociedade Pró-Música de Curitiba. Integrava também a Academia Brasileira de Música, a Academia de Letras e Música do Brasil em Brasília, a Academia Campineira de Música, a Comissão Paranaense de Folclore, o Centro de Letras do Paraná e o Conselho do Museu da Imagem e do Som de Curitiba.

O MUSICÓLOGO E O CRÍTICO – Como musicólogo, desenvolveu pesquisas e escreveu vários livros, apostilas e artigos sobre a Música do Século XX, Música Colonial Mineira, Carlos Gomes, Canto Coral e Folclore Paranaense. Iniciou a organização do Arquivo Musical Arquidiocesano de Mariana, Minas Gerais, e lançou, entre várias obras, o livro *Carlos Gomes, o Compositor.* Durante as décadas de 1960 e 70 publicou várias críticas sob o pseudônimo Affonso Vilhena em jornais de Curitiba e Campinas. Exercia, ainda, intensa atividade como pesquisador do Museu Carlos Gomes, de Campinas. Cabe

*Palestra proferida pela autora na sessão de homenagem a José Penalva na Academia Brasileira de Música a 19/11/2002.

Ensino, musicologia, regência e composição: as múltiplas atividades do Padre Penalva estavam sempre carregadas de emoção

Reprodução/ Arquivo Elisabeth Prosser

lembrar que sua produção escrita sobre Teologia é tão vasta quanto a musical.

O Regente – Uma de suas atividades preferenciais era a de regência vocal. Entre os vários coros que fundou destacam-se o Coro e Madrigal Pró-Música e o Coro do Studium Theologicum. Foi regente, ainda, da Escola Superior de Música de Blumenau, e da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Mas o coro com o qual trabalhou nas últimas décadas foi o Madrigal Vocale, considerado um dos mais gabaritados, importantes e expressivos conjuntos vocais nacionais. O Madrigal Vocale mantém intensa programação tanto *a cappella* como com a Orquestra de Câmara de Blumenau, a Orquestra de Câmara da Cidade de Curitiba e a Camerata Antiqua de Curitiba, além de ampla atividade de concertos nas mais importantes salas do país. Estes grupos são responsáveis pela estréia de várias de suas obras, desde os singelos e preciosos Madrigais Brasileiros, até as suas grandes criações como o oratório *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse,* o *Salmo 90* e o *Obsequium.*

O Compositor – Seu trabalho abrange desde peças solísticas até obras corais-orquestrais. Participou com suas composições de Festivais e Bienais na Alemanha, na França, na Espanha e no Brasil, países em que tem também obras publicadas e gravadas.

Entre as premiações recebidas destacam-se duas Medalhas de Prata e Troféu concedidos pelo Governo do Paraná, a Medalha Carlos Gomes, por Campinas, o Primeiro Prêmio no Concurso Lasar Segall de São Paulo e Prêmio no Concurso de Monografias sobre Carlos Gomes, promovido pela FUNARTE. Cidadão honorário do Paraná, foi eleito por unanimidade em 1994 membro da Academia Brasileira de Música, ocupando a cadeira de número 27. No mesmo ano, foi também empossado membro da Academia de Letras e Música do Brasil em Brasília, com a cadeira de número 43.

A obra – Uma Visão Geral – Sua produção compreende obras para música de câmara, peças solísticas para piano e órgão, peças para coro *a cappella,* para vozes e instrumentos e obras orquestrais e corais-orquestrais, com solistas, atores

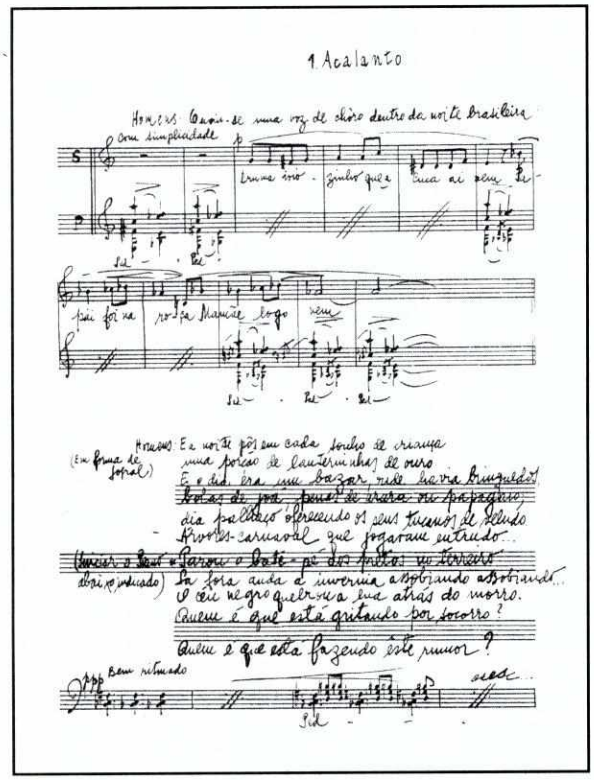
PENALVA DIVIDE SUA MÚSICA EM DOIS GRANDES BLOCOS: UM CHAMADO 'EU MESMO' E OUTRO DESCRITO COMO "*GEBRAUCHMUSIK*".

e declamadores. A última catalogação apresenta quase trezentas obras. Observa-se predominância da música vocal sobre a instrumental, bem como da sacra sobre a secular. Mesmo certas obras instrumentais ou de câmara são baseadas ou inspiradas em textos bíblicos.

O compositor divide sua música em dois grandes blocos. Um tipo de música independente, com linguagem da Vanguarda e da Pós-Vanguarda, de função estética, que chama de "minha" ou "eu mesmo".

Outro tipo é o que descreve como *Gebrauchmusik,* que compreende, de um lado, a música sacra de função litúrgica, composta para as igrejas onde foi mestre-capela, e de outro, os Madrigais Brasileiros, para entretenimento. Discorrendo sobre a sua linguagem estilística, Penalva sintetiza assim sua própria trajetória:

> Passei pela Vanguarda. Vivi e me decidi por ela. Depois me apaixonei pela Pós-Vanguarda, que significou uma revolução contra o exclusivismo da Vanguarda. Hoje estamos num "paraíso": cada um pode compor da maneira que quiser: pode-se escrever um acorde perfeito ao lado de um *cluster,* empregar melodias folclóricas dentro de um tecido atonal...! Durante muito tempo escrevi música não figurativa que nem eu mesmo entendia – uma música hermética. Hoje prefiro uma música que comunique, que atinja. Não nasci para pesquisar trapézios e coisas soltas, abstratas. Acho que a música tem que passar emoção. Eu mesmo sou assim: eu preciso da emoção, eu sinto emoção! Naturalmente o compositor parte de uma necessidade que tem de escrever. Mas sempre a relação existente entre o ouvinte e o compositor é muito importante. O ouvinte quer receber, o compositor quer dar. Sempre usei todos os meios novos não por eles mesmos, mas subjugando-os à idéia, ao texto, à mensagem. As novas técnicas servem para aumentar a palheta, os recursos usados em direção a este objetivo maior que é a idéia.



Fac-símile de Brasil Menino, *de José Penalva (1970)*

ENTRE O UNIVERSAL E O PESSOAL – Fazendo uso eclético das várias linguagens, utiliza-as como meio na busca de intensa expressividade do conteúdo do seu pensamento. Faz uma releitura das formas e das linguagens históricas que sempre permearam sua produção, de maneira livre, própria e atual. Sua maneira de compor revela profundas raízes no canto gregoriano e na polifonia renascentista dos quais parte, revestindo-os, pintando-os e fundindo-os às linguagens contemporâneas. Aborda desde a plurimodalidade até a atonalidade, a técnica dodecafônica, a música matérica, grafismos e a aleatoriedade controlada. Combinados ao vocabulário estilístico da Vanguarda, constata-se também a existência de elementos característicos de Brahms, Scriabin, Debussy, Schönberg e Webern, e, mais recentemente de Ligeti, Penderecki e Schnittke, com os quais o compositor se identifica. Realiza um jogo contínuo entre o familiar e o novo, entre o universal e o pessoal.

Seu pensamento religioso permeia todo o seu processo de criação, ao lado de um brasileirismo que se reconhece em sutilezas rítmicas, em elementos melódicos ou modais, e em textos de poetas brasileiros, portugueses e espanhóis. Quanto aos textos sacros, são predominantemente bíblicos ou da liturgia romana e hebraica. Trata-os, porém, de maneira livre, individual e extremamente poética e até dramática, como trata o material sonoro vocal e

instrumental.

De maneira geral, pode-se distinguir peças em que faz jogos constantes de leveza e humor, refinamento e surpresa, que contrastam com obras em que são expostas questões como a existência, a miséria, a vida e a morte, o sofrimento e a angústia – sempre com a vitória do eterno sobre o passageiro.

Contrastam com suas obras maiores os seus Madrigais Brasileiros em que brinca com temas, canções e textos brasileiros, trabalhando alguns contrapontisticamente à maneira dos Madrigais Renascentistas, e outros em linguagens do século XX, combinando, mesclando e sobrepondo técnicas antigas a contemporâneas. Obtém, assim, um resultado pleno de inventividade. São peças curtas, agradáveis, cheias de humor inteligente, graça e surpresa, pelo tratamento livre que dá ao texto e à canção original.

GENERALIDADES E ESPECIFICIDADES – Uma característica da sua produção é a presença de grandes contrastes de linguagem, de dimensão e de estilos entre conjuntos distintos de composições:

a) A sua grande música coral/orquestral com função estética é constituída de monumentos supratemporais em que a alusão à música de várias épocas e a amálgama que realiza entre a história e aquilo que para ele é a verdade derradeira, revelam grande profundidade. São obras repletas de significados, em que citações e técnicas históricas, principalmente as ligadas à história da Igreja, como o canto gregoriano e o contraponto palestriniano, são revestidos de novas roupagens que os transcendem, criando uma nova linguagem. Essa parte da sua produção, a sua grande música, apesar de criada com função estética, é veículo para a expressão da sua experiência sacerdotal. Penalva a chama de "minha música, eu mesmo". Nela, o que se ouve é arrojo e domínio das sonoridades obtidas pelos instrumentos e pelas vozes.

b) Na sua música vocal com função estética, explora a voz em todas as suas possibilidades, desde a voz cantada e falada até a glossolália, a *Sprechstimme* e os efeitos percussivos e sonoros da fala.

c) Sua música instrumental com função estética, na qual explora as propriedades do instrumento, apresenta, igualmente, especificidades, conforme o conjunto escolhido. Nas peças para piano, sobressaem as composições dodecafônicas e as sonoridades rítmicas e percussivas; nas peças para cordas, há a criação de atmosferas, de manchas sonoras, o tratamento da dinâmica, os efeitos da técnica expandida do instrumento; nas que incluem sopros, aparecem o lirismo das linhas e o contraponto; nas para percussão, percebem-se grande energia e vitalidade rítmica e sonora, além da exploração dos timbres e dos extremos entre sonoridades fortes e o silêncio.

d) Já os seus Madrigais Brasileiros, música vocal com função de entretenimento, são de leitura ora mais, ora menos convencional. Alguns são arranjos de música popular brasileira (*Luciana, Bom Tempo, Carinhoso, Gente Humilde*). Foram idealizados especialmente para o grande número de coros existentes no país.

e) Finalmente, a sua música sacra de função litúrgica é constituída de peças bastante curtas, em português, em linguagem tonal, freqüentemente com modos gregorianos ou nordestinos. Foram compostas principalmente entre 1950 e 70 para serem cantadas pelo sacerdote e pela congregação durante serviços religiosos.

Em síntese, dentro de um discurso que o próprio Penalva classifica de pós-vanguardista, faz uma releitura das formas e linguagens do passado combinando-as, modificando-as e metamorfoseando-as em linguagens da Vanguarda e da Pós-Vanguarda, de forma livre. Trata-se, sem dúvida, de um compositor que transita confortavelmente entre o universal e o pessoal, o antigo e o novo, ignorando fronteiras culturais, geográficas ou históricas, na utilização de elementos da música de várias épocas e técnicas. Tudo isso, com uma visão extremamente individual e humana.

Darius Milhaud: 80 anos de música

ANNA STELLA SCHIC PHILIPPOT*

Quando festejavam-se as oito décadas de vida do compositor francês Darius Milhaud, a pianista brasileira Anna Stella Schic Philippot visitou o mestre para uma entrevista então encomendada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Naquele encontro em 1972, Milhaud recordou a passagem pelo Brasil 50 anos antes e discorreu sobre as vívidas imagens da terra que guardou na memória, na música e no coração.

É com um sentimento de respeito que a Europa festeja os 80 anos de Darius Milhaud, um dos fundadores do "grupo dos seis" numa França de transição musical. Nascido em 1892 em *Aix-en-Provence*, é alvo de homenagens especiais na França nesse momento: foi recentemente eleito membro da Academia de Belas-Artes, por unanimidade, como sucessor de Marcel Dupré, e acaba de receber o Grande Prêmio Nacional de Música, ocasião para o Ministro Jacques Duhamel render a "homenagem do reconhecimento" ao compositor de mais de 426 números de opus (jornal *Le Monde*).

Exilado nos Estados Unidos durante a guerra, Milhaud lecionou no Mills College, marcando toda uma geração de jovens compositores americanos com a influência de sua escola. Entre as suas principais obras: *Le Boeuf sur le toit*, *le Carnaval d'Aix*, *Cristovão Colombo*, *David*, *Pacem in Terris*, *Saudades do Brasil*, *Scaramouche*, *Création du Monde* etc.

Ligado ao Brasil sentimentalmente, país jovem onde o jovem Milhaud descobriu, no primeiro quarto do século XX, toda a fertilidade musical e a espontaneidade que ainda hoje encantam o "estrangeiro", sua música se impregnou do espírito do Brasil e se tornou um dos nossos veículos de propaganda, dos mais privilegiados.

Fui encontrá-lo em Pigalle, em seu apartamento repleto de relíquias e lembranças, entre quadros assinados pelos "jovens" Picasso e Matisse, ladeando uma serigrafia de seu filho Daniel Milhaud. Naquele bairro movimentado, famoso por seus cabarés e *sex-shops*, onde "agentes" e "mundanas" pelejam lado a lado com os comerciantes e as burguesas donas-de-casa na conquista do dia-a-dia, o apartamento do Mestre situado em pleno Boulevard de Clichy constituía um excêntrico contraste com o espalhafato das redondezas; e o encontro com um velho Gaveau numa sala de arte se torna quase que uma anomalia.

Sorriso tranqüilo e sossegado nos seus 80 anos de impávida luta face à enfermidade, Darius Milhaud, um dos continuadores da longa tradição de cultura francesa, me olha com antecipada boa vontade, já que sou brasileira, que venho em nome de um jornal brasileiro, e que venho tocar *Saudades do Brasil*.

Ao piano, hesito em tocar as doze peças na íntegra, propondo que ouça duas ou três. Resposta: "Mas por quê? Não quer tocar? Eu gostaria de ouvir todas, é tão raro alguém, hoje em dia, pedir a opinião do compositor antes de gravar – em geral fico sabendo depois de feitas. E nem sempre o que foi gravado concorda com o meu pensamento!!"

Meu espanto maior, ouvindo suas observações, era quando Milhaud falava em tango durante a execução da obra. – "Veja esse ritmo de tango, observe essa respiração típica do tango..." e eu espantada... até que me lembrei que,

A ligação afetiva de Milhaud com o Brasil era tão forte que o compositor temia voltar ao país e destruir suas lembranças

Reprodução/caricatura de Guus Ong/ foto de Martin Fiegl (bandeira)

evidentemente, ele se referia ao nosso "tanguinho", que encontrou sua maior expressão em Nazareth, hoje um clássico, cuja música tanta afinidade encontra com a de Milhaud. E aí compreendi. E assimilei.

As observações, entremeando a execução, foram memoráveis.

Fiquei sabendo, por exemplo, que Erik Satie chamou a "saudade" denominada *Ipanema* de "polka mexicaine"! E também, que, há alguns anos, várias pessoas passaram a procurar Milhaud desesperadamente em Paris, para transmitir um recado, que ele afinal recebeu através de um pintor, depois de passar por várias vias. Era um pedido, uma carta do Rio encomendando uma obra para a comemoração do 4° centenário da cidade, e pedindo resposta urgente. Encantado com a idéia, ele telegrafou concordando.

E ficou à espera. Esperou meses e meses e nada mais de notícias. Aí, desistiu e esqueceu o assunto. De repente surge uma insistente solicitação: envie a obra para imediata execução... Milhaud, habituado ao método e à organização que sincronizam e regem as temporadas e os compromissos feitos à maneira européia, visto nunca mais ter recebido sinal de confirmação ou esclarecimento, pensaram que desistiram da idéia. E a obra nunca foi escrita!!

— Isto é bem brasileiro, Mestre...

— Não, não é só brasileiro; algo parecido acaba de acontecer na Itália, onde vão levar em primeira mundial, o meu *São Luís*.

— Pois é. São povos irmãos... Mestre, quando esteve no Brasil?

— Há cerca de 50 anos, como secretário e adido cultural da Embaixada da França, quando era ministro Paul Claudel. Fiquei dois anos e viajei muito: São Paulo, Ouro Preto, todo o Sul. Fui até a fronteira da Bolívia de trem.

— Naturalmente guarda lembranças extraordinárias, como provam suas obras tão inspiradas em motivos brasileiros da época, em bairros, em ritmos e melodias do começo do século.

— Apesar de que já faz tanto tempo; nunca mais me esqueci do Brasil e da sensação que me causou. Eu adorava o país: gostei de tudo, das pessoas, de uma amabilidade, uma gentileza e uma doçura!! Os

"CONHECI VILLA-LOBOS QUANDO TOCAVA VIOLONCELO EM CINEMA – JÁ NESSA ÉPOCA NÃO SE PODIA FICAR INDIFERENTE À FORÇA DE SUA MÚSICA E À SUA PERSONALIDADE MARCANTE."

musicistas que conheci, tão gentis todos; amei a cidade do Rio, as florestas em torno e dentro do país; as praias de Copacabana, que eram lugares desertos e meio selvagens, cheias de um encanto especial. Durante os *week-ends*, saía-se para a floresta de Teresópolis.

— Sabe que hoje Teresópolis é uma bela e grande cidade?

— Sei. É por isso que não tenho vontade de voltar ao Brasil, não gostaria de modificar a recordação que guardo do que conheci naquela época.

A autora entre Tacuchian e Almeida Prado

— Quais os compositores que conheceu mais de perto?

— Conheci alguns pessoalmente, outros mais tarde através de suas obras: Villa-Lobos, Mignone, Lorenzo Fernandez, Henrique Oswald, Nepomuceno e Camargo Guarnieri. Lembro-me de ter ido com Luciano Gallet até a ilha de Paquetá especialmente para conhecer a obra de Glauco Velasquez e ver os seus manuscritos. Também conheci muito Ernesto Nazareth, que tocava num cinema, naquele tempo.

— Mestre, numa conferência que fiz sobre Villa-Lobos, mencionei, de acordo com os originais da época, os seus primeiros encontros com ele.

— Conheci muito Villa-Lobos naquela época e continuamos amigos depois, durante todos os anos. Conheci-o quando tocava violoncelo num cinema. Mostrou-me suas obras e já nessa época não se podia ficar indiferente à força de sua música e à sua personalidade marcante. Falei dele a Rubinstein quando veio ao Rio, e foi nessa época que Rubinstein o procurou, e que houve o encontro, que, pode-se dizer, foi memorável. Lembro-me que Villa-Lobos jamais aceitava nossos insistentes convites para almoçar conosco porque, segundo dizia, tinha medo do nosso café, que "certamente seria fraco demais para o seu gosto, e mal feito". Finalmente, quando veio, fizemos um café impossível de se tomar, tão exageradamente forte era. E ele bebeu tranquilamente, e ficou muito contente.

— Mestre, os brasileiros ficariam muito honrados se agora, por ocasião da próxima execução de *São Luís* na sua 2ª mundial e "prémiére" americana, pudessem contar com a sua presença lá.

— Infelizmente estive bem enfermo recentemente, e é difícil para mim, o deslocar-se de um lado para o outro, sobretudo numa viagem tão longa. Ademais, amei tanto o país que temo destruir a imagem que guardei e destruir minhas lembranças... imagino que hoje, Paquetá, Niterói (tão linda ao luar!), os longínquos bairros do Rio, São Paulo, tudo isso deve estar meio comido pela civilização!

Divulgação

Veja encartado nesta edição

o formulário para cadastramento

na Bibliografia Musical Brasileira

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIREÇÃO ARTÍSTICA
JOHN NESCHLING

SALA SÃO PAULO

01 MAI Jacarandá
quinta-feira, 21h00
03 MAI Ipê
sábado, 16h30
John Neschling *Regente*
Leo Gandelman *Saxofone*
CORO DA OSESP
Naomi Munakata *Regente*
IGOR STRAVINSKY
HEITOR VILLA-LOBOS
RADAMÉS GNATTALI
DMITRI SHOSTAKOVICH

02 MAI Araucária
sexta-feira, 21h00
MÚSICA DE CÂMARA
Leo Gandelman Quinteto
LEO GANDELMAN
JOÃO DONATO / CAETANO VELOSO
SIMPSON/KING/BECK HENSEN
CARTOLA
VINÍCIUS DE MORAES / PIXINGUINHA
JORGE MAUTNER / NELSON JACOBINA
LEO GANDELMAN / BRUNO CARDOZO
ARY BARROSO

08 MAI Cedro
quinta-feira, 21h00
10 MAI Mogno
sábado, 16h30
Theodor Guschlbauer *Regente*
Heloísa Torres Meirelles *Violoncelo*
Linda Bustani *Piano*
ALBERT ROUSSEL
HECTOR BERLIOZ

09 MAI Pau-Brasil
sexta-feira, 21h00
11 MAI Jequitibá
domingo, 17h00
ORQUESTRA DE CÂMARA
Antônio Meneses *Violoncelo*
ARNOLD SCHOENBERG
JOHANNES BRAHMS

15 MAI Pau-Brasil
quinta-feira, 21h00
17 MAI Jequitibá
sábado, 16h30
Asher Fisch *Regente*
Graciela Araya *Mezzo-soprano*
MAURICE RAVEL
HECTOR BERLIOZ
CARL NIELSEN

22 MAI Jacarandá
quinta-feira, 21h00
24 MAI Ipê
sábado, 16h30
John Neschling *Regente*
Andrés Cárdenes *Violino*
Andrea Ferreira *Soprano*
Inácio de Nonno *Barítono*
CORO DA OSESP
Naomi Munakata *Regente*
FRANCISCO BRAGA
LEONARDO BALADA
GABRIEL FAURÉ

29 MAI Cedro
quinta-feira, 21h00
31 MAI Mogno
sábado, 16h30
Roberto Minczuk *Regente*
Pepe Romero *Violão*
RICHARD WAGNER
GYÖRGY LIGETI
JOAQUÍN RODRIGO
JOHANNES BRAHMS

05 JUN Pau-Brasil
quinta-feira, 21h00
07 JUN Jequitibá
sábado, 16h30
Roberto Minczuk *Regente*
Mario Brunello *Violoncelo*
MAURICE RAVEL
ÉDOUARD LALO
ROBERT SCHUMANN

12 JUN Carnaúba
quinta-feira, 21h00
14 JUN Imbuia
sábado, 16h30
John Neschling *Regente*
Arnaldo Cohen *Piano*
PIOTR I TCHAIKOVSKY
WOLFGANG A MOZART
OTTORINO RESPIGHI

19 JUN Cedro
quinta-feira, 21h00
21 JUN Mogno
sábado, 16h30
Tan Dun *Regente*
Wagner Polistchuk *Regente*
Stephen Bryant *Baixo*
David Cossin *Percussão*
TAN DUN

26 JUN Carnaúba
quinta-feira, 21h00
28 JUN Imbuia
sábado, 16h30
Christian Arming *Regente*
Enrico Dindo *Violoncelo*
WOLFGANG A MOZART
JOSEPH HAYDN
DMITRI SHOSTAKOVICH

27 JUN Araucária
sexta-feira, 21h00
29 JUN Jequitibá
domingo, 17h00
CORO DA OSESP
Naomi Munakata *Regente*
GIOACCHINO ROSSINI

03 JUL Cedro
quinta-feira, 21h00
04 JUL Araucária
sexta-feira, 21h00
John Neschling *Regente*
Nelson Goerner *Piano*
SILVIO FERRAZ
FRÉDÉRIC CHOPIN
PIOTR I TCHAIKOVSKY
NIKOLAI RIMSKY-KORSAKOV

10 JUL Cedro
quinta-feira, 21h00
12 JUL Mogno
sábado, 16h30
CORO DA OSESP
Naomi Munakata *Regente*
CARL ORFF
IGOR STRAVINSKY

17 JUL Carnaúba
quinta-feira, 21h00
19 JUL Imbuia
sábado, 16h30
ORQUESTRA DE CÂMARA
Cláudio Cruz *Regente*
Dante Yenque *Trompa*
ALBERTO GINASTERA
WOLFGANG A MOZART
ANTONÍN DVORÁK

24 JUL
quinta-feira, 21h00
25 JUL Araucária
sexta-feira, 21h00
John Neschling *Regente*
Anne Margrethe Dahl *Soprano*
Mette Ejsing *Contralto*
Eduardo Itaborahy *Ten*
Johan Reuter *Baixo*
CORO DA OSESP
Naomi Munakata *Regente*
GUSTAV MAHLER
WOLFGANG A MOZART

31 JUL Jacarandá
quinta-feira, 21h00
02 AGO Ipê
sábado, 16h30
Kurt Masur *Regente*
LUDWIG VAN BEETHOVEN
ROBERT SCHUMANN
JOHANNES BRAHMS

07 AGO Pau-Brasil
quinta-feira, 21h00
09 AGO Jequitibá
sábado, 16h30
Roberto Minczuk *Regente*
Alexander Toradze *Piano*
PIOTR I. TCHAIKOVSKY
SERGEI PROKOFIEV
MAURICE RAVEL

14 AGO Carnaúba
quinta-feira, 21h00
16 AGO Imbuia
sábado, 16h30
John Neschling *Regente*
Reinhild Runkel *Contralto*
Wolfgang Ablinger-Sperrhacke *Tenor*
MARISA REZENDE
GUSTAV MAHLER

15 AGO Cedro
sexta-feira, 21h00
17 AGO Mogno
domingo, 17h00
ORQUESTRA DE CÂMARA
Cláudio Cruz *Regente e Violino*
Horácio Schaefer *Viola*
JORGE ANTUNES
WOLFGANG A MOZART
GIUSEPPE VERDI

21 AGO Jacarandá
quinta-feira, 21h00
23 AGO Ipê
sábado, 16h30
Roberto Minczuk *Regente*
Valentina Lisitsa *Piano*
DMITRI SHOSTAKOVICH
ANTON BRUCKNER

28 AGO Cedro
quinta-feira, 21h00
30 AGO Mogno
sábado, 16h30
John Neschling *Regente*
Jean-Louis Steuerman *Piano*
BÉLA BARTÓK
HEITOR VILLA-LOBOS
JEAN SIBELIUS

29 AGO Pau-Brasil
sexta-feira, 21h00
31 AGO Araucária
domingo, 17h00
MÚSICA DE CÂMARA
Quarteto Amazônia
HEITOR VILLA-LOBOS
FRANZ SCHUBERT

KIKO FARIAS / MAQUINA ESTÚDIO

PODE APLAUDIR QUE A ORQUESTRA É SUA

Sala São Paulo:
Praça Júlio Prestes • Tel: 11 3337 5414

Ingressos: de R$ 16,00 a R$ 52,00
Estudantes, aposentados e pessoas com idade acima de 60 anos: 50% de desconto
Estacionamento: R$ 5,00
Ticketmaster: 11 6846 6000
www.osesp.art.br

Patrocinador das Séries Jacarandá e Cedro: Nossa Caixa

Patrocinador da Série Jequitibá: 21 Embratel

Patrocinador da Série Araucária: Camargo Corrêa

Patrocinador: Varig Brasil

Apoio cultural: Pripasa

SECRETARIA DA CULTURA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
CUIDANDO DE GENTE

Saudação a Ilza Nogueira

VASCO MARIZ

Saudação proferida na sessão de posse de Ilza Nogueira na cadeira 27 da Academia Brasileira de Música, em 1º de abril de 2003. O autor ressalta a personalidade multifacetada da nova acadêmica baiana, residente na Paraíba, que além de educadora é musicóloga, pesquisadora, escritora e compositora.

Por que Ilza Nogueira? O Brasil é muito grande e alguns acadêmicos não a conheciam bem quando ela se candidatou à nossa Academia. Certamente o fato de ela residir na Paraíba contribuiu para esconder o seu mérito. Eu mesmo só a conheci pessoalmente há pouco mais de três anos, em casa de José Maria Neves, que tinha por ela a maior admiração devido ao seu trabalho na ANPPOM, da qual ambos foram presidentes. Por que Ilza Nogueira, a quem um ilustre colega classificou de "cientista"? Em verdade, Ilza tem uma personalidade multifacetada, pois além de brilhante educadora formada na Alemanha e nos Estados Unidos da América, ela é excelente musicóloga, autora de um livro definitivo sobre seu mestre Ernst Widmer, e também uma talentosa compositora, que escreve em idioma moderno sem, todavia, perder contato com as suas raízes populares baianas ou paraibanas.

A Academia Brasileira de Música, desde a sua fundação por Villa-Lobos em 1945, abriga todas as classes de musicistas: compositores, musicólogos, educadores e intérpretes. Antes os intérpretes eram ligeiramente discriminados porque tinham número limitado, e só um intérprete podia suceder a outro intérprete, mas depois da reestruturação levada a cabo em 1993, eliminamos essas restrições e hoje podemos eleger tantos musicólogos, educadores ou intérpretes quantos quisermos, sem que isso possa ser considerado como um entrave ou limitação ao ingresso de novos compositores em nossa entidade. Todos podem contribuir para o engrandecimento da ABM, sobretudo se estiverem sinceramente interessados na música brasileira e em sua divulgação.

Mas voltemos a Ilza Nogueira, que desde o primeiro momento foi a candidata de nosso saudoso ex-presidente José Maria Neves e que, pouco antes de falecer, pedira-me que continuasse a dar todo o apoio à sua candidatura. A notícia de sua eleição no primeiro escrutínio deixou-me muito feliz, sem desdouro a seus dois bons competidores. Estou certo de que Ilza Nogueira vai-nos trazer uma eficaz contribuição, não só pela sua competência e notória capacidade de trabalho, como também nossos colegas vão desfrutar de sua convivência tão suave, educada e inteligente. Neste momento em que tivemos a tristeza de perder nosso querido Mário Tavares, veemente cidadão potiguar, nos chega Ilza para oferecer seus valiosos préstimos e atender os interesses do Nordeste em nossa Academia. Digo isto porque a nossa entidade deve conter representantes de todas as regiões do país, pois esse era o desejo de Villa-Lobos, embora houvesse momentos na história da ABM em que ela parecia estar somente na ponte aérea Rio/ São Paulo. Hoje, felizmente, temos acadêmicos de quase todas as regiões do país, e recordo que ainda há pouco elegemos a ilustre pianista goiana Belkiss Carneiro de Mendonça. Isto prova também que os acadêmicos não discriminam as mulheres, pois no momento temos nada menos de oito compositoras, educadoras, intérpretes e musicólogas, portanto elas

As reflexões da nova acadêmica Ilza Nogueira sobre a música brasileira têm recebido divulgação internacional desde 1997

Divulgação

representam um quinto de nosso quadro de membros titulares. Mais do que a Academia Brasileira de Letras.

Aproveito a oportunidade para lembrar aos presentes alguns aspectos do brilhante currículo de Ilza Nogueira. Após uma dupla graduação – licenciatura em Letras, em 1971, e bacharelado em Música, em 1972 – ela obteve uma bolsa de estudos do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), que lhe permitiu freqüentar por três anos o curso de "Novo Teatro Musical", que o famoso mestre argentino Mauricio Kagel implantara na Escola Superior de Música de Colônia em 1973.

Um convite do reitor da Universidade Federal da Paraíba a trouxe de volta ao Brasil em 1977, para participar da fundação do Departamento de Música e do Curso de Bacharelado em Música, no qual lecionou até 1998. Em sua vida profissional, obteve novas titulações acadêmicas em composição: ela é *Master of Arts* (1983) e *Doctor of Philosophy* (1985) pela Universidade Estadual de Nova Iorque em Buffalo, onde teve a orientação de Lejaren Arthur Hiller e Morton Feldman. Em 1990 freqüentou a prestigiosa Universidade de Yale, na condição de *Post-doctoral Fellow*, quando teve a oportunidade de assistir a cursos de Allen Forte, Robert Morris e Joseph Straus, nomes expoentes da teoria da música pós-tonal.

Ilza Nogueira desde 1987 tem atuado como consultora *ad hoc* da CAPES e do CNPq, e foi membro do Comitê Assessor de Artes, Comunicação e Ciência da Informação do CNPq no período de 1995 a 1997. Ela foi membro fundador da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, a famosa ANPPOM, da qual foi a primeira presidente, ali demonstrando grande habilidade na condução dos debates, segundo testemunharam-me José Maria Neves e Ricardo Tacuchian. Ela vem atuando como professora visitante nos principais centros de pós-graduação em música do país, como as Universidades Federais do Rio de Janeiro (UFRJ e UNI-RIO), do Rio Grande do Sul, do Pará, da Bahia, de Goiás e a Universidade Estadual do Paraná.

No último número da nossa revista *Brasiliana* (nº 13), Ilza brindou-nos com excelente artigo sobre técnicas e estilos de composição intertextual. Aliás,

ela colabora com freqüência em revistas especializadas, sempre com muito agrado. Lembro seus artigos sobre o grupo baiano de composição, sobre seu mestre Ernst Widmer e sobre a teoria composicional de John Cage.

Ilza vem divulgando internacionalmente suas reflexões sobre a música brasileira desde 1997, quando realizou uma turnê de conferências sobre a Escola de composição da Bahia nas Escolas Superiores de Música de Berlim, Hamburgo, Rostock, Münster, Essen, Colônia, Karlsruhe e Munique. No II Colóquio Internacional de Musicologia da Casa das Américas, realizado em outubro de 2001 na cidade de Havana, sua comunicação sobre "A Mestiçagem Intertextual na Música Contemporânea" mereceu o "destaque internacional" daquele congresso.

Mas a nossa nova acadêmica é também uma excelente compositora e sua produção mais expressiva é no campo da música de câmara, notando-se a sua predileção pelos conjuntos mistos com participação de voz (vestígios da sua rápida passagem pelo Grupo de Compositores da Bahia e pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia). Dessa produção saliento suas homenagens musicais a diversas personalidades, como a seus mestres Morton Feldman, e Ernst Widmer, além de Mário de Andrade e Augusto dos Anjos, desenvolvendo nesse repertório técnicas de composição intertextual.

Recordo também sua cantata *Gonzagueana: 12 Cenas dos Sertões*, com a qual a Rede Globo homenageou o saudoso Mestre Lua, por ocasião de sua eleição como "pernambucano do século". Recordo com prazer seus *Acompanhamentos para Três Canções de Ninar do Folclore Musicado da Bahia,* onde a compositora busca o contraste de uma linguagem contemporânea com a singeleza das canções. Ouvi-as na esplêndida interpretação de Martha Herr, a quem as canções são dedicadas. Lembro também as *Cinco Canções da Câmera,* homenagem musical a Widmer, uma livre adaptação de suas peças para violão, habilmente escritas para soprano e conjunto misto e utilizando poemas inéditos do compositor suíço. Essas canções foram interpretadas com sucesso pelo Bahia Ensemble na XII Bienal, em 1997. Sua obra mais conhecida e de construção mais eclética é *Ode aos Jamais Iluminados*, para quarteto de cordas, piano e recitante, construída com recortes de *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade. Esta peça tem uma boa gravação com selo da Universidade Federal da Paraíba, já tendo sido apresentada em várias capitais do país (João Pessoa, Natal, Salvador, Rio de Janeiro e Belo Horizonte). Espero ainda ouvir a sua *Serenata Iconoclasta* (2001) para coro misto e pequena orquestra, composta sobre o poema "Vandalismo" de Augusto dos Anjos, o grande sonetista paraibano. No acompanhamento orquestral, eivado de citações e adaptações de trechos de Dvorák, Tchaikovsky e Wagner, a estética de fragmentação e ruptura parece buscar uma tradução musical do tema de destruição e ruína da poesia de Augusto dos Anjos.

Como pesquisadora, Ilza Nogueira vem desenvolvendo estudos nos campos das teorias analítica e composicional, concentrando-se no repertório contemporâneo pós-tonal. Por tudo isso, acho que nosso colega que a classificou de "cientista" não se equivocou, só que ela é bem mais do que uma cientista musical.

A notícia alvissareira da eleição de Ilza foi alegremente festejada na Bahia e na Paraíba, sua residência há 25 anos. Seu estado natal e, em especial, o de sua residência estão orgulhosos da confiança que a maioria dos membros da ABM depositou em sua eleição. A televisão, os jornais e as revistas locais não lhe têm dado paz para entrevistá-la e homenageá-la, enfim para comemorar a sua vitória, pois melhor do que nós, eles conhecem bem o mérito de sua ilustre conterrânea. Em nome da Academia Brasileira de Música, dou as boas vindas a Ilza Nogueira em nossa organização, para a qual – estou certo – muito contribuirá. Será uma digna sucessora do padre José Penalva, também ilustre compositor e educador, que nos deixou muitas saudades.

A ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA

TEM O PRAZER DE APRESENTAR O SELO ABM DIGITAL

Um rico **painel** da música brasileira

em gravações de **alta qualidade**

Catálogo e vendas: Tel.: (21) 2205-3879/ 2205-1036 vendas@abmusica.org.br

Acesse o site da ABM

Acompanhe o incremento nos projetos
Bibliografia Musical Brasileira do século XVI
ao século XX (veja encarte em anexo)
e Banco de Partituras de Música Brasileira.

www.abmusica.org.br

Saudação a Lutero Rodrigues

ERNANI AGUIAR

Saudação proferida na sessão de posse de Lutero Rodrigues na cadeira 36 da Academia Brasileira de Música, em 1º de abril de 2003. O autor fornece visão panorâmica da carreira do regente e frisa sua importância na divulgação de repertório brasileiro, através de execução em orquestras, pesquisas, ensino e programas de rádio.

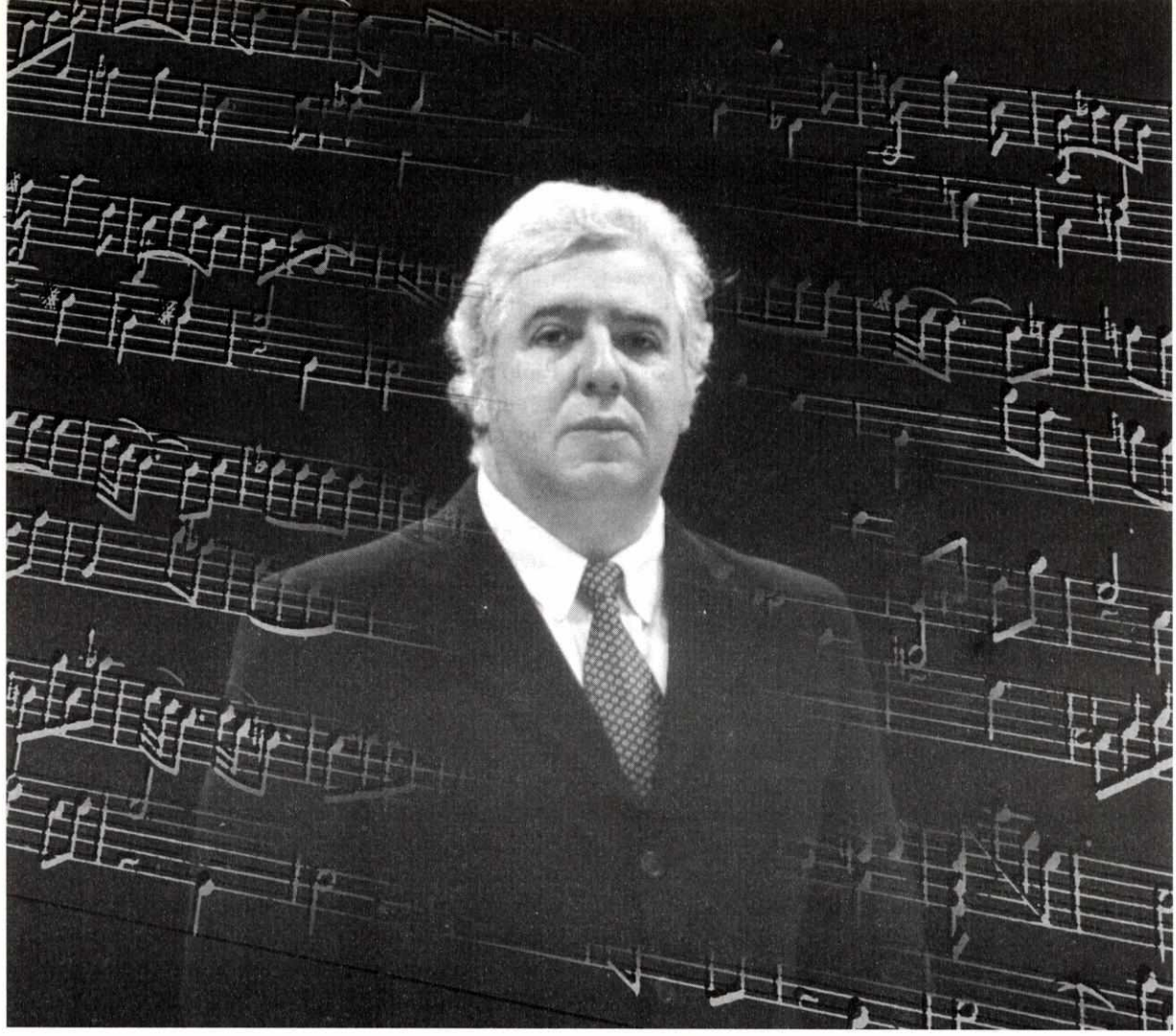
É para mim grande satisfação apresentar e saudar o novo acadêmico maestro Lutero Rodrigues, paulista, cujas atividades acompanho de perto há quase um par de décadas, atividades essas que hoje representam um exemplo indiscutível de dedicação à música brasileira.

Nascemos no mesmo mês do mesmo ano: agosto de 1950. Lutero é do dia 7, eu do dia 30. Desde o começo das vidas temos tantas coisas em comum: origens na terra das Minas Gerais: Wolney Aguiar e D. Maria José Caldas Rodrigues, mineiros e professores. Wolney Aguiar e Antônio Rodrigues Silva foram, na adolescência, sacristães profissionais. Posteriormente o pai de Lutero tornou-se pastor da Igreja Presbiteriana Independente e meu pai, um fervoroso anti-clerical. Antônio Rodrigues da Silva era paulista e um pastor autêntico, à antiga: com pouco dinheiro e muita fé! Foi também professor de latim e português.

Lutero, crescendo em um lar onde a religião e a cultura eram o pão diário, a arte musical existia, daí a atração que o conduziu até a profissão de fé na Sagrada Arte Musical.

Começou com o bom começo de cantar em coro. Em 1974, já era regente coral, felizmente influenciado por Klaus Dieter Wolf, regente coral alemão, discípulo do grande Kurt Thomas e criador do famoso coral Ars Viva, que tanto divulgou Gilberto Mendes, Roberto Martins e Gil Nuno Vaz com seu ideal em favor da música brasileira contemporânea. Logo após a morte do mestre, Lutero criou o madrigal Klaus Dieter Wolf, onde começou, ainda involuntariamente, sua missão de reger música brasileira e já surgiram primeiras audições de obras de Gilberto Mendes, Willy Corrêa de Oliveira e Bruno Kiefer, além de programar obras de nosso pai Villa. Na época estudava na USP, onde não se falava em Villa e em Camargo, futuro "guru" de Lutero. Os "uspeanos" andavam ensandecidos pelos angustiados vienenses e pelos "ismos" estrangeiros que tanto pontificaram no século passado (no mesmo período eu também pensava assim). O Madrigal ganhou o prêmio APCA 1980 como melhor coral e em seguida o novo acadêmico foi à Alemanha para se dedicar ao estudo de regência orquestral, onde viveu por três anos, chegando a estudar com o legendário Celibidache.

A maioria absoluta dos jovens dirigiam-se ao estudo absoluto da regência e dos instrumentos, com o ideal de se tornarem *super-stars*. Repertório? O europeu do século XIX em primeiro lugar. As mil dificuldades da vida, as políticas e demais jogos sórdidos liquidam com o indiscutível ideal do início. No caso de um jovem regente, brasileiro, a situação é muito difícil. Volta-se ao país, que tem poucas orquestras, a maioria de nível mediano. Ele está envenenado pela mentalidade e pelas sonoridades das orquestras européias e ianques, completamente alienado da realidade tropical. A frustração e até depressão se justificam para os verdadeiros estudiosos.



A dedicação de Lutero Rodrigues ao repertório brasileiro vai da localização das obras, revisões e correções até a interpretação

Divulgação

Lutero Rodrigues, felizmente, viveu um fenômeno diverso: teve uma mudança de vida ao descobrir que poderia ter uma função social muito mais significativa, colocando-se a serviço da cultura do país e não ao culto do seu próprio ego. Começou sua dedicação ao repertório brasileiro com todas as suas implicações: pesquisa, localização das obras, revisões e correções de partituras e partes até o ato final da interpretação. É o próprio regente que declara que tal apostolado, que passou a ser o motivo de sua vida profissional e artística, dissipou todas as frustrações.

As primeiras realizações e também as primeiras "batalhas" foram feitas junto a orquestras jovens e de formação, único espaço que encontrou. Liderou os Encontros de Orquestras Jovens de Tatuí e posteriormente atuou nas Oficinas de Curitiba. Já nas Orquestras Jovens encontrou a problemática de trabalhar com música brasileira. Causa inicial: a maioria dos professores, até hoje, ensina que o repertório brasileiro não tem a mesma utilidade que o estrangeiro, porque nunca se toca e questionam seu valor. Então os integrantes da orquestra jovem já estão com a mentalidade deformada resultando em profissionais que consideram o repertório nacional inútil, tudo favorecido ainda pelo complexo de subdesenvolvimento.

O problema vai portanto para as orquestras profissionais onde os músicos não estão interessados em tocar aquela música, na maioria apresentadas em materiais precários, mal revisados, muitos ainda manuscritos resultando de uma posição desfavorável ao regente que trabalha com a criação nacional.

No entanto, hoje, em abril de 2003, já podemos verificar uma melhora considerável nessa situação, ocorrida num espaço de tempo relativamente pequeno em relação às décadas anteriores, inclusive no referente à apresentação de materiais, graças ao trabalho daqueles que estão conseguindo demonstrar o valor de nossa música. (Lembro aqui o Banco de Partituras de nossa Academia, e as excelentes edições-revisões do maestro Roberto Duarte.)

Após trabalhos, os mais diversificados, junto às orquestras de formação, Lutero obteve as primeiras oportunidades junto a grupos profissionais, e por seu já reconhecido valor, dirigiu durante quatro anos (1987-1990) o festival de Campos de Jordão. No

O AUTOR SUGERE UMA LINHA SUCESSÓRIA DE MESTRES E DISCÍPULOS COM RELAÇÃO À MÚSICA BRASILEIRA: MÁRIO DE ANDRADE, CAMARGO GUARNIERI E LUTERO RODRIGUES.

festival de 1987, convidou Camargo Guarnieri para reger e nesse encontro concluiu que Camargo não era o "bicho-papão" exorcizado pelos uspeanos de tempos atrás e surgiu uma grande amizade. O nosso novo confrade tornou-se autêntico "camargueano", discípulo das idéias, num convívio semanal que durou até a morte do mestre. Posteriormente sua tese de mestrado na UNESP foi sobre as sinfonias de Guarnieri e, a convite de Flavio Silva, (em aparte, F.S. negou o convite) participou também do alentado livro, *Camargo Guarnieri, o Tempo e a Música*, editado pela FUNARTE, sobre o grande compositor e acadêmico.

Ao longo de sua carreira, teve uma série de dissabores com burocratas de direções de orquestras, administradores, profissionais e melômanos preconceituosos, sempre por causa do repertório. Mas enfim, na Orquestra de Câmara de Curitiba, ele considera ter tido as maiores oportunidades de apresentar música brasileira e continua assim agindo em seu trabalho seja na Orquestra Sinfonia Cultura, na Orquestra Theatro São Pedro ou como convidado. A Sinfonia Cultura, aliás, recebeu em 2000 o prêmio APCA pelo trabalho a favor da música brasileira, trabalho esse recentemente dinamizado ainda mais pelas gravações para TV Cultura, onde destaco uma versão impecável do *Réquiem* do padre maestro José Maurício.

O regente já atingiu a marca de 97 primeiras audições mundiais e regeu 430 obras de 127 compositores brasileiros, sempre prestigiando, sem discriminação, seja o jovem compositor, seja o mestre consagrado. Gravou dois CDs inteiros e um LP, logicamente com obras nacionais. No LP realizou a melhor versão até hoje apresentada da *Missa Nº 2 em Fá maior* de meu patrono Lobo Mesquita. Tal gravação motivou a escolha desta obra para ser apresentada ao vivo durante o mega Festival América Cantat 2000, realizado em Caracas.

Lutero Rodrigues considera seus modelos, os três regentes acadêmicos (e aqui estão aqueles que se dedicam exclusivamente à arte da regência, não os compositores-regentes). Eles são Duarte, Morelenbaum e o patriarca Eleazar.

Fora da regência, realizou durante cinco anos um programa na Rádio Cultura de S. Paulo que atingiu 170 programações, intitulado *Página Brasileira*, onde apresentou cerca de 600 obras de 150 compositores nacionais, cujos comentários poderiam redundar em outro livro de apreciação de nossa música.

Lecionou música contemporânea e regência coral na Unaerp e na Faculdade Alcântara Machado; harmonia na Escola Municipal de Música de S. Paulo e na Fundação das Artes de S. Caetano, além de cursos de regência coral promovidos pela Funarte.

Exemplar chefe de família, como foi seu antecessor Vieira Brandão, Lutero é esposo dedicado a Sra. Cristina Rodrigues e pai amoroso de Pamina e Lucas.

A filosofia de trabalho do maestro Lutero Rodrigues, como ficou demonstrada, é a interpretação, a divulgação e a valorização da música brasileira. Nada mais justo que sua escolha para integrar o nosso quadro de acadêmicos, porque sua folha de serviços prestados à criação musical de nosso país é das mais dignas, exatamente como desejaram Villa-Lobos e o sempre atual e presente Mário de Andrade. Aliás posso aqui, até mesmo traçar uma linha sucessória de mestres e discípulos com relação à música brasileira: Mário, Camargo e Lutero.

Portanto, tenho plena certeza que o novo acadêmico, com seu dinamismo, entusiasmo e dedicação, muito poderá fazer pela Casa de Villa-Lobos.

Seja bem-vindo acadêmico Lutero Rodrigues!

ACADÊMICOS

Por Vasco Mariz

CADEIRA 29

Patrono: Alexandre Levy

Nasceu em São Paulo em 1864, onde fez seus primeiros estudos, aperfeiçoando-se na França com Emile Durand e Vincenzo Ferroni. Levy foi um precursor da música nacionalista no Brasil e dotado de boa formação profissional. Dinâmico organizador de atividades musicais em São Paulo, faleceu muito cedo, aos 28 anos apenas, em 1892. Obras principais: *Variações sobre um Tema Brasileiro, Suíte Brasileira, Comala, Sinfonia em Mi,* para orquestra, canções, música de câmara, peças para piano solo, etc. O acadêmico Arnaldo Senise está ultimando um longo estudo sobre Alexandre Levy.

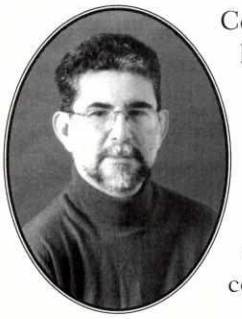
Fundador: Samuel Arcanjo dos Santos

Paulistano nascido em 1882, foi aluno de Agostinho Cantú no Conservatório Dramático e Musical de SP, que mais tarde dirigiu, nele realizando excelente reforma. Veio ao Rio de Janeiro com freqüência a convite de Villa-Lobos para integrar comissões examinadoras. Célebre professor em São Paulo, foi também autor de peças sacras, música instrumental, de câmara e coral, além de obras didáticas. Faleceu em 1957.

1º Ocupante: Enio de Freitas Castro

Gaúcho de Montenegro (RS), nascido em 1911, foi apreciado compositor e professor em sua época. Estudou em Porto Alegre e no Rio de Janeiro com Guilherme Fontainha, Francisco Braga e Mignone, obtendo medalha de ouro ao terminar seu curso. Criou a Associação Riograndense de Música, chefiou a Divisão de Cultura da Secretaria de Educação do RS, foi membro da Comissão Nacional do Folclore e crítico musical do *Diário de Notícias* da capital gaúcha, onde faleceu em 1975. Publicou diversos estudos sobre musicologia e folclore e desfrutava de bastante prestígio na região sul do país.

2º Ocupante: Ricardo Tacuchian



Compositor, regente e professor, nascido no Rio de Janeiro em 1939, foi aluno da antiga Escola Nacional de Música e aperfeiçoou-se com Mignone, Santoro e Siqueira. Foi maestro de bandas e ensinou no Instituto Villa-Lobos, no Conservatório Brasileiro de Música, na Escola de Música da UFRJ e hoje está na UNIRIO. Fez longo estágio na Califórnia e tem sido convidado para dar cursos nos EUA e em Portugal. Foi presidente da ABM de 1993 a 1997 e organizou vários festivais de música contemporânea. Obras: *Estruturas,* para conjuntos vários, *Terra Aberta*, para solista, coro e orquestra, canções, música de câmara, etc. É considerado um dos maiores compositores brasileiros contemporâneos.

Acervo DIMAS-Biblioteca Nacional (A. Levy) e Divulgação (Tacuchian)

CADEIRA 30

PATRONO: ALBERTO NEPOMUCENO

Cearense de Fortaleza, passou a infância no Recife e aos 18 anos já dirigia concertos. Aperfeiçoou-se em Roma com Terziani na Academia de Santa Cecília. Concorreu ao hino da República em 1889, não venceu, mas ganhou uma bolsa para continuar os estudos em Berlim e em Paris, onde estudou órgão com Guilmant. Em 1896 dirigiu concertos da Sociedade de Concertos Populares, divulgando a música moderna. Foi diretor do Instituto Nacional de Música em 1902, e de 1906 a 1916. Nepomuceno foi defensor do canto em português e um dos precursores do nacionalismo musical no Brasil. Obras: *Suíte Brasileira, Artemis* e *Abul* (óperas), a abertura *O Garatuja, Sinfonia em Sol menor,* canções de mérito, música de câmara, etc. Faleceu no Rio em 1920.

FUNDADOR: JOÃO BATISTA JULIÃO

Paulista de Silveiras, nascido em 1886, foi regente de banda na região de Mogi das Cruzes e aperfeiçoou-se em São Paulo com Savino de Benedictis. Fundou o Instituto Musical de Mogi e foi mestre-de-capela local. Amigo de Villa-Lobos, veio para o Rio de Janeiro onde estudou no Conservatório do Canto Orfeônico. Incumbido de elaborar um plano para o Estado de São Paulo em 1944, criou em 1949 um Conservatório Estadual de Canto Orfeônico, que teve filial em Campinas. Autor de música de câmara, peças corais e livros didáticos. Era figura respeitada em São Paulo, onde faleceu em 1961.

2º OCUPANTE: MOZART DE ARAÚJO

Musicólogo cearense nascido em Campo Grande em 1904, emigrou para o Rio de Janeiro desejando estudar medicina. Possuía excelente coleção de originais de música brasileira e ocupou diversos postos administrativos na música, como vice-presidente da OSB, trabalhou na Divisão Cultural do Itamaraty como responsável pelo setor musical, dirigiu a *Revista Brasileira de Cultura*, do Conselho Federal de Cultura, presidiu o Clube do Choro, etc. A Universidade Federal do Ceará publicou em 1994 um volume com seus escritos musicais. Faleceu no Rio de Janeiro em 1988.

3º OCUPANTE: MÁRIO TAVARES

Regente de nível internacional, compositor e violoncelista, Mário Tavares nasceu em Natal (RN) em 1928, onde fez seus primeiros estudos. Aperfeiçoou-se no Recife e no Rio de Janeiro com Santoro e Victor Tevah, foi celista da OSB e, de 1960 a 1998, foi o regente titular da orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1959 obteve bastante êxito com o poema sinfônico-coral *Ganguzama,* e como compositor pertence à escola nacionalista com influência de Villa-Lobos. Autor de concertos para viola e violino e orquestra,os bailados *Dualismo e Praianas,* música de câmara, canções, etc. Apresentou-se várias vezes no exterior, sobretudo no Chile e no Peru, sendo condecorado pelo Itamaraty. Faleceu em 2003 – leia obituário na pag. 31

Acervo DIMAS Biblioteca Nacional (Nepomuceno) e Acervo CCBB (Mozart)

CADEIRA 31

PATRONO: GUILHERME DE MELLO

Musicólogo e professor, teve considerável prestígio em sua época. Nascido em Salvador em 1867, foi menino pobre e estudou música na cidade natal. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1928 e no ano seguinte foi nomeado bibliotecário do Instituto Nacional de Música. Foi autor da primeira história da música brasileira, publicada em Salvador em 1908, reeditada no Rio de Janeiro em 1922 por ocasião do centenário. Uma terceira edição apareceu em 1947 com prefácio e anotações de Luiz Heitor, obra indispensável a uma bibilioteca musical. Villa-Lobos tinha muito apreço por Guilherme de Mello. Faleceu no Rio de Janeiro em 1932.

FUNDADOR: RAFAEL BATISTA

Rafael era natural de Petrópolis (RJ) nascido em 1909. Foi compositor e sobretudo regente muito estimado em sua época. Foi aluno de Paulo Silva, Francisco Braga e Mignone e, em 1940, estreou como regente na OSB. Foi professor na Escola Nacional de Música (hoje da UFRJ) e, em 1945, fundou a Orquestra Universitária da Casa do Estudante, com a qual fez turnês pelo país inteiro com muito agrado. Em 1954 visitou a Europa e EUA regendo orquestras menores. Publicou *Didática da Regência de Conjuntos Instrumentais* (1968). Obras: *A conquista do Sertão*, para coro e orquestra, *Scherzo Sinfônico*, a abertura *Lincoln*, música de câmara, canções, etc.

2º OCUPANTE: ERNST WIDMER

Suíço de Aarau, nascido em 1927, estudou no conservatório de Zurique e veio para o Brasil em 1956, a convite de Koellreutter. Realizou valiosa obra como professor da UFBa, havendo coordenado os compositores da região e formando o famoso Grupo da Bahia sob sua orientação estética e musical. Dirigiu o madrigal da universidade e boa parte de sua obra é coral, escrita em estilo experimental e preocupado com ecologia. Exerceu enorme influência no Nordeste. Faleceu na cidade natal em 1990. Biografias por Ilza Nogueira e Paulo Costa Lima, publicadas em Salvador. Obras: *Convergências* para cordas, *Catálise* para orquestra de câmara, canções, música de câmara e coral, etc.

3º OCUPANTE: MANOEL VEIGA

Musicólogo e pianista, Manuel Veiga nasceu em Salvador em 1931. Formado em engenharia pela UFRJ, aperfeiçoou-se em música nos Seminários de Música da UFBa de 1954 a 1957. No ano anterior vencera o concurso de piano da OSB, exibindo-se com essa orquestra sob a direção de Eleazar de Carvalho. Fez turnês pelo Brasil e pelos EUA, onde estudou com Guiomar Novaes. Em 1966 começou a ensinar na UFBa e foi membro do Conselho Estadual de Cultura desse estado. Em 1981, doutorou-se em musicologia pela Universidade da Califórnia, de Los Angeles. Consultor da CAPES e do CNPq, foi o fundador da Associação Brasileira de Etnomusicologia.

CADEIRA 32

PATRONO: FRANCISCO BRAGA

Carioca nascido em 1868, estudou no Asilo dos Meninos Desvalidos e depois no Conservatório Imperial. Aos 19 anos teve sua *Fantasia Abertura* interpretada nos Concertos Populares por Carlos de Mesquita. Em 1889 perdeu para Leopoldo Miguez o concurso para o novo Hino da República, mas ganhou bolsa para se aperfeiçoar em Paris com Jules Massenet. Viveu em Dresden, Alemanha, onde a sua ópera *Jupira* quase foi encenada. Em 1905 escreveu *o Hino à Bandeira,* depois oficializado pelas Forças Armadas. De 1912 a 1938 foi diretor da orquestra da Sociedade de Concertos Populares, fazendo belo trabalho de divulgação. De 1920 a 1938 ensinou na Escola Nacional de Música. Como compositor foi acadêmico, influenciado por Wagner. Escreveu *Prelúdio e Variações sobre um Tema Brasileiro, Episódio Sinfônico, Toada para celo e orquestra,* canções, etc.

FUNDADOR: ELEAZAR DE CARVALHO

Nascido em Iguatú, no interior do Ceará, em 1912, Eleazar estudou em Fortaleza e entrou para os Fuzileiros Navais, onde tocava tuba. Veio para o Rio de Janeiro para se aperfeiçoar em música e, em 1941, já era regente-assistente de Eugen Szenkar na OSB. Em 1946 conseguiu ir para Boston estudar regência com Serge Koussevitsky, no Berkshire Music Center. Dirigiu várias orquestras européias e norte-americanas, sendo o titular da orquestra de Saint-Louis em 1963. A insistência em interpretar música de vanguarda prejudicou a sua carreira nos EUA. De 1969 a 1973, dirigiu a orquestra Hofstra, das vizinhanças de Nova York, terminando a sua carreira brilhante na OSESP, que conseguiu reestruturar esplendidamente. Foi também compositor na mocidade e escreveu as óperas A *Descoberta do Brasil* e *Tiradentes, Sinfonia Branca* e *Retirada da Laguna*, para orquestra. Foi o melhor regente brasileiro de todos os tempos e ofereceu inúmeras primeiras audições de obras de autores brasileiros. Faleceu em São Paulo em 1996.

2º OCUPANTE: JOCY DE OLIVEIRA

Esposa de Eleazar de Carvalho, pianista e compositora de vanguarda, Jocy de Oliveira nasceu em Curitiba em 1936. Estudou com Kliass em São Paulo e em Paris com Marguérite Long, diplomando-se em composição pela Universidade de Saint-Louis, em 1968. Foi solista de grandes orquestras e tocou com alguns dos maiores regentes modernos, inclusive Stravinsky. Autora de óperas de vanguarda que vêm obtendo bastante sucesso e provocado vivos debates: *Fata Morgana, Liturgia no Espaço, Inori a Prostituta Sagrada, Illud Tempus, As Malibrans, etc.* Jocy tem recebido numerosos prêmios por suas obras no Brasil e no exterior.

Atividades da ABM

Resumo 2002

Leia a seguir um resumo das principais atividades da Academia Brasileira de Música ao longo no ano passado. Tiveram continuidade as séries *Brasiliana* e *Trajetórias*, os projetos do Banco de Partituras de Música Brasileira, a edição quadrimestral desta revista *Brasiliana*, a construção do banco de dados *online* da Bibliografia Musical Brasileira, a edição de CDs e a destinação de verba a apoios institucionais. O principal passo dado pela ABM em 2002 foi a aquisição da tão aguardada sede própria: um conjunto de salas no centro da cidade do Rio de Janeiro para onde a Academia se transferirá até o próximo mês de junho.

Série Brasiliana

A série de concertos mensais gratuitos na Casa de Rui Barbosa aconteceu sempre na última terça-feira de cada mês. A programação abriu em março, com a Camerata de Violões do Conservatório Brasileiro de Música. No mês seguinte, foi a vez da pianista gaúcha Olinda Alessandrini, que dedicou seu programa a compositores do Rio Grande do Sul. Em maio, apresentaram-se Josira Salles e Luciano Botelho, vencedores do Concurso de Canto Amalia Conde. O Duo Areias-Brasil foi o destaque do mês de junho, enquanto as pianistas Maria Helena Andrade e Sonia Maria Vieira *(foto)* homenagearam Leopoldo Miguéz e Henrique Oswald em julho. Em agosto, a atração foi o duo Ingrid Barancoski e Stella Caldi. O Studio Coral apresentou-se em setembro. O destaque em outubro foi o duo José Staneck e Aleida Schweitzer. A série encerrou-se no mês seguinte, com a apresentação do trio Joaquim Abreu, Paulo Passos e Sarah Cohen. Como em todos os anos, desde seu início em 1998, a série *Brasiliana* não privilegiou qualquer tendência estética, mas primou pela diversidade que caracteriza a música brasileira. Entre o repertório executado ao longo do ano, foram incluídas obras de Alberto Nepomuceno, Almeida Prado, Antônio Mello, Araújo Vianna, Babi de Oliveira, Breno Blauth, Bruno Kiefer, Camargo Guarnieri, Carlos Gomes, Claudio Santoro, Dawid H. Korenchendler, Ernst Mahle, Flávio Oliveira, Francisco Mignone, Gaetano Galifi, Henrique de Curitiba, Hubertus Hofmann, Jayme Ovalle, José Alberto Kaplan, José Penalva, Lorenzo Fernândez, Murilo Santos, Natho Henn, Paulo Guedes, Radamés Gnattali, Ricardo Tacuchian, Villa-Lobos e Villani-Cortes. Os concertos foram gravados para o acervo de memória da ABM, em equipamento de gravação de CD adquirido pela Academia e operado por seus funcionários.

Maria Helena Andrade e Sonia Vieira: homenagem a Miguéz

Série Trajetórias

Trata-se do relato das experiências, idéias, realizações e obras de um músico convidado. A série recebeu sete convidados ao longo de 2002: compositor Osvaldo Lacerda (abril), musicólogo José Maria Neves (maio), compositor Jorge Antunes (junho), violonista Turíbio Santos (julho), flautista Odete Ernest Dias (agosto), pianista Fany Solter (setembro) e barítono Eládio Perez Gonzalez (outubro). Todas as palestras aconteceram na sede da Academia, com entrada franca, tendo sido gravadas em fita cassete e transcritas. O material será oportunamente disponibilizado através do site da ABM e publicado.

Revista Brasiliana

Os meses de janeiro, maio e setembro de 2002 viram exemplares da publicação quadrimestral da ABM. O primeiro exemplar do ano publicou os artigos *Alberto Nepomuceno, Música, Educação e Trabalho* (por Avelino Romero Pereira), *Cecilia Meireles e a Música* (por Vasco Mariz), *Arquiteturas Musicais Inspiradas em um Simbolista* (por Jorge Antunes), *Arthur Napoleão dos Santos* (por Ruth Serrão) e *As Soleníssimas Exéquias do Fidelíssimo Monarca* (por Vicente Salles). O exemplar de maio trouxe os artigos *A Obra Sacra de Henrique Oswald* (por Susana Cecília Igayara), *Tributo ao Maestro Wilson Fonseca* (por Vicente José Malheiros da Fonseca), *Lorenzo Fernandez – Senhor de um Nobre Caráter Moral e Artístico* (por Heitor Villa-Lobos), *O Legado de Yara Bernette* (por Denis Molitsas) e *A Respeito da Produção Composicional de H.J. Koellreutter* (por João Mendes). O último número do ano publicou os textos: *Notícia sobre o Primeiro Congresso Internacional Villa-Lobos* (por Luiz Fernando Nascimento), *Centenário de uma Obra Pioneira* (por Vicente Salles), *Olívia Guedes Penteado e Villa-Lobos* (por Vasco Mariz) e *A Eclética Trajetória de Gilberto Mendes* (por Márcio Bezerra). As três edições também trouxeram notas sobre o meio musical, resenhas e lançamentos de livros e CDs.

Edição de CDs

O catálogo do selo ABM Digital incorporou três novos títulos: a reedição de um álbum de Turíbio Santos (*Villa-Lobos*) e os novos discos dos compositores Ricardo Tacuchian (*Imagem Carioca – Obras para Violão*) e Guilherme Bauer (*Partita Brasileira*). Já o CD *Mario Tavares – Quatro Composições* realizou-se através de parceria com a Rádio MEC. Estes e os demais discos do ABM Digital chegam às prateleiras de lojistas especializados em todo país através de distribuição realizada pela própria Academia.

Banco de Partituras

O programa permanente de editoração eletrônica de obras brasileiras para orquestra e incorporação de obras já editoradas atravessou o ano passado em plena atividade. Como acontece desde 1999, a viabilidade do programa foi garantida pelo patrocínio do Ministério da Cultura através da Secretaria da Música e Artes Cênicas/ Fundo Nacional de Cultura. A publicação do Catálogo Geral do Banco de Partituras de Música Brasileira divulga para o Brasil e o exterior as informações de um acervo que já conta com cerca de 150 obras para orquestra. Pretende-se que a partir de 2003 as obras editoradas constem do site da ABM.

Sede própria

Talvez o fato administrativo mais revelante da Academia Brasileira de Música no ano de 2002 tenha sido a aquisição da tão esperada sede própria. Funcionando desde dezembro de 1993 nas dependências do Pen Clube do Brasil, na Praia do Flamengo, a Academia transfere-se ainda no primeiro semestre de 2003 para o conjunto de salas no centro do Rio de Janeiro. A nova sede fica na Lapa. Entre as organizações musicais localizadas na mesma vizinhança estão Theatro Municipal, Sala Cecília Meireles, Escola de Música da UFRJ, Conservatório Brasileiro de Música, escritórios da OSB e Orquestra Petrobras Pró Música, entre outras. Leia na próxima edição reportagem sobre as novas instalações.

Brasilianas

Magdalena, de Villa-Lobos, ganha primeira montagem no Brasil

A sétima edição do Festival Amazonas de Ópera trouxe em sua programação uma montagem de *Magdalena*, de Villa-Lobos, com libreto de Robert Wright e George Forrest. A obra estreou na Broadway em 1948 e permanecia inédita no Brasil. A "aventura musical em 2 atos", na classificação do próprio compositor, ganhou versão brasileira por Cláudio Botelho, com direção musical e regência de Lígia Amadio. A regente dirigiu a Amazonas Filarmônica e os cantores Fernado Portari, Rosana Lamosa, Magda Painno, Inácio De Nono, Homero Velho, Claudio Galvan e Murilo Neves. As apresentações gratuitas aconteceram nos dias 26 e 29 de abril e 1º de maio no Studio 5 Festival Mall, espécie de shopping center da capital do Amazonas.

Portari e Lamosa: no elenco

Escola de Música de Piracicaba, de Mahle, comemora jubileu

O último dia 9 de março foi amplamente festejado em Piracicaba: comemorou-se o jubileu de ouro de uma das principais entidades de ensino do estado de São Paulo. Foram mais de dez horas de eventos festivos pela cidade. Inicialmente chamada Escola Livre de Música Pró Arte, a instituição foi fundada por Koellreutter, Mahle e sua esposa Maria Aparecida, além de personalidades do meio cultural da cidade. Em 1961, passou a chamar-se Escola de Música de Piracicaba (EMP). Em 1998, tornou-se a Escola de Música de Piracicaba Maestro Ernst Mahle, em homenagem ao compositor alemão naturalizado brasileiro que desde a fundação ocupa a presidência. Mais de cinco mil alunos já se formaram pela escola. A EMP organiza concursos bienais para jovens instrumentistas e possui diversos grupos musicais, uma orquestra infanto-juvenil, uma camerata, uma sinfônica jovem, uma orquestra de câmara e uma orquestra sinfônica.

Edição 2003 do Guia VivaMúsica! presta homenagem a acadêmicos

Acaba de ser lançada a edição 2003 do *Guia VivaMúsica!*, o anuário que traz informações da música clássica brasileira desde 1998. Este ano, o guia bilíngüe organizado por Heloisa Fischer chega a 272 páginas, reunindo dados cadastrais atualizados de quase 1.400 instituições e destaques da temporada de concertos no eixo Rio-São Paulo. Entre as novidades, estão a publicação de recursos técnicos de 24 salas de concerto do país e relação de efemérides do ano. Entre as efemérides, destacam-se os aniversários dos acadêmicos Edino Krieger (75 anos), Turíbio Santos, Luiz Paulo Horta, Almeida Prado e Aylton Escobar (60 anos). Oitenta por cento da tiragem de 6 mil exemplares têm distribuição gratuita e dirigida, alcançando instituições e decisores de música clássica no Brasil e exterior. O *Guia VivaMúsica!* tem reconhecimento de mérito cultural concedido pela UNESCO. Se sua instituição ou empresa ainda não recebeu um exemplar, solicite-o através do e-mail guia@vivamusica.com.br

Brasileiros na OPPM

A Orquestra Sinfônica Petrobras Pró Música (OPPM) destaca compositores brasileiros em três concertos de sua temporada 2003. Em abril, Roberto Duarte regeu programa Guerra-Peixe (*Museu da Inconfidência*), Lorenzo Fernândez (*Variações para piano sobre um tema popular* – solista Vera Astrachan) e Ernani Aguiar (*Te Deum* – primeira audição mundial da obra encomendada pela orquestra). Em 12 de julho, Lutero Rodrigues rege peças de Edino Krieger (*Concertante para piano* – solista Lais de Sousa Brasil), Radamés Gnattali (*Concertino para piano e violoncelo* – solistas Lais de Sousa Brasil e Antonio Lauro del Claro). Uma homenagem a Osvaldo Lacerda está no programa de 8 de novembro regido por Morelenbaum (*Suíte Piratininga* e *Cromos para piano e orquestra* – solista Eudóxia de Barros).

Série Brasiliana 2003

Os concertos mensais promovidos pela Academia Brasileira de Música na Casa de Rui Barbosa (RJ) tiveram início em março com recital em homenagem aos 60 anos de Almeida Prado. O Trio ao Vento tocou em abril e o duo Pauxy-Nunes/ Ingrid Barancoski, neste mês de maio (dia 27). O violinista Erich Lehninger e a pianista Linda Bustani apresentam-se em junho (dia 24). A violonista Marcia Taborda e um trio de violões sobem ao palco em julho (dia 29). O destaque de agosto é o Trio D'Ambrosio (dia 26). A série recebe o barítono Eládio Pérez-González e a pianista Berenice Menegale em setembro (dia 30), enquanto a pianista Vânia Pimentel toca em outubro (dia 28). A programação termina em novembro, com concerto do Quarteto Glázunov (dia 25).

Curtas

O maestro Roberto Tibiriçá, diretor artístico e regente-titular da OPPM, toma posse na cadeira Nº 5 da ABM dia 23 de junho. * O acadêmico Roberto Duarte foi nomeado diretor artístico e regente-titular da Orquestra Unisinos, de São Leopoldo (RS). * O pianista Nelson Freire é tema de documentário de João Moreira Salles.

Sinfonias brasileiras em estréia

Duas sinfonias brasileiras tiveram estréia mundial em fevereiro. Roberto Duarte apresentou a *Sinfonietta Seconda "Carnevale"* de Ernani Aguiar em Villingen-Schwenningen (Alemanha) à frente da sinfônica local. Já em Juiz de Fora (MG), a orquestra do 14º Curso Internacional de Música Scala apresentou a *II Sinfonia para cordas* de Sergio di Sabbato, sob regência de Ernani Aguiar.

Obituário

Recordando Teodoro Nogueira

Ascendino Teodoro Nogueira não foi membro da ABM e era um compositor pouco conhecido fora de São Paulo, mas no principal estado da federação foi muito estimado e respeitado. Paulista de Santa Rita de Passa-Quatro, nascido em 1913, veio a falecer na capital estadual aos 89 anos. Foi muito apoiado por Sousa Lima e Camargo Guarnieri, que o encaminharam para o estudo do folclore rural paulista. Teodoro foi o primeiro a apresentar a viola caipira como instrumento solista de orquestra em seu *Concertino*. Sua obra é considerável: cinco sinfonias, dois quartetos de cordas (o primeiro está gravado e agrada bastante), doze valsas-choros, dez serestas, seis *Brasilianas* para violão, o bailado *Senzala*, a *Missa de N.S. dos Navegantes*, etc. O processo artístico de Nogueira começava pela palavra e da fala comum extraía a melodia e o ritmo, colocando a palavra em baixo de cada nota. O compositor via na conversa arrastada do caipira uma semelhança com a viola caipira. A narração é mantida na sua tonalidade e no final vem a indicação da tessitura e os dados do narrador. Transformava então a peça para instrumento solista e conjuntos vários. Foi homenageado nas X e XIII Bienais. Seu estilo nacionalista está bastante ligado a um imediatismo estético imposto pelo seu entusiasmo folclórico pela viola caipira ou viola brasileira. (VM)

Saudade de Mário Tavares

O recente falecimento de Mário Tavares foi um choque para o meio musical brasileiro. Todos conhecemos seus êxitos como regente e compositor, mas desejo recordar nestas poucas linhas a sua atuação no exterior, que é pouco conhecida.

Teve ele brilhante atuação como regente em dois países da América do Sul — Chile e Peru — em épocas diferentes. Em 1975, esteve em Santiago, a convite da Universidade do Chile, e lá dirigiu as orquestras de diversas cidades com tanto agrado que recebeu do governo chileno a medalha Gabriela Mistral pelo excelente trabalho didático realizado. Recordo ele ter comentado comigo sobre a satisfação em transmitir sua ampla experiência às orquestras chilenas, para quem posteriormente escreveu a suíte orquestral *Copihue*.

Curiosamente teria ele, em 1983, oportunidade de desempenhar outra missão diplomático-musical nas Américas. Era eu embaixador do Brasil em Lima, Peru, quando o diretor da sinfônica local queixou-se das dificuldades que sua entidade estava enfrentando e pediu-me sugestões. Recordei-me da experiência exitosa de Mário Tavares no Chile e propus-lhe que o convidasse para tentar uma reestruturação da orquestra limenha. A iniciativa foi aprovada pelo dirigente peruano, depois que mencionei-lhe a visita ao Chile e a experiência à frente da orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Mário aceitou entusiasmado e o Itamaraty concordou em financiar a viagem. Os ensaios foram cuidadosos e em duas semanas a orquestra estava pronta para enfrentar o público, que a vaiara ruidosamente em seu último concerto.

Confesso que estava apreensivo com os resultados, pois conhecia a politicagem sindicalista que ocorria naquela orquestra, mas Mário soube contornar com habilidade todas as dificuldades e os dois concertos que dirigiu com a sinfônica de Lima foram um completo sucesso, amplamente louvados pela imprensa local.

Em conseqüência, fui muito cumprimentado pelas autoridades e pela sociedade local pelo aporte que o Brasil havia dado à reestruturação da orquestra. Por isso, não hesitei em propor ao Itamaraty que Mário Tavares fosse condecorado pelo governo brasileiro pelos excelentes serviços à nossa política cultural nas Américas. Meses depois, tive a satisfação de assistir à cerimônia no Palácio Itamaraty em que o chanceler impôs a Mário Tavares, na presença de vários colegas e de sua família, a Ordem do Rio Branco em grau de comendador.

A ABM o recordará sempre com carinho e sua cidade, capital do Rio Grande do Norte, vai homenageá-lo merecidamente dando o seu nome a uma praça de Natal. Assim seja.

VASCO MARIZ

Divulgação

Helena Lorenzo Fernandez, pianista

Faleceu em março de 2003 no Rio de Janeiro a pianista Helena Abud Lorenzo Fernandez, segunda esposa do ilustre compositor Oscar Lorenzo Fernandez, membro da ABM e freqüente presidente da entidade nas ausências de Villa-Lobos. Depois da morte do maestro, Helena foi sucessivamente contratada pelo Itamaraty para integrar o setor cultural das embaixadas do Brasil em Assunção, Buenos Aires, Madrid e Paris, onde desenvolveu profícua atividade de divulgação da música brasileira no exterior. Fundou e dirigiu no Rio de Janeiro a Academia Lorenzo Fernandez e presidiu a Sociedade Brasileira de Intérpretes e Compositores, de efêmera duração. Publicou um livro de memórias. A ABM se associa às manifestações de pesar pelo seu falecimento. (VM)

Patronos da música paranaense em destaque

UM OLHAR SOBRE A MÚSICA DE JOSÉ PENALVA – CATÁLOGO COMENTADO
Elizabeth Seraphim Prosser. 287 pp. Curitiba: Editora Champagnat, 2000.
Contatos: prosser@ipnet.com.br/ telefax: (41) 338-6540

HENRIQUE DE CURITIBA – CATÁLOGO TEMÁTICO 1950-2001
Liana Marisa Justus e Miriam Cornélia Bonk. 231 pp. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba/ Fundação Cultural Expoente, 2002. Inclui CD *Henrique de Curitiba – Seleção de obras*.
Contatos: miriambonk@aol.com

A música paranaense foi recentemente agraciada com duas publicações que colocam merecidamente em destaque a produção dos dois mais importantes compositores daquele estado: *Um Olhar Sobre a Música de José Penalva – Catálogo Comentado* (2000) de Elizabeth Seraphim Prosser, e *Henrique de Curitiba – Catálogo Temático 1950-2001* (2002) de Liana Marisa Justus e Miriam Cornélia Bonk. Muitos pontos em comum fazem irmãs estas duas publicações. Em primeiro lugar, ambas são resultados de trabalhos de monografia apresentados no curso de Especialização da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Os livros fornecem informações coletadas em entrevistas com os próprios compositores, e trazem a público dados de primeira mão sobre inúmeras obras ainda não-editadas, surpresas e novidades a muitos paranaenses! As produções catalogadas abarcam basicamente a segunda metade do século XX – a primeira obra de José Penalva (1924-2002) é de 1941. Coincidentemente, o maior número de obras tanto de Penalva quanto de Henrique Morozowicz (1934) pertence ao gênero coral, revelando o estado do Paraná como uma fonte de obras corais neste período, com 225 títulos somente destes dois compositores (incluindo obras sacras e seculares, *a capella* e com acompanhamento)!

As autoras não só catalogam detalhadamente as listagens de obras, como também trazem informações biográficas dos compositores. Elizabeth Prosser fornece informações sobre as variadas atividades desenvolvidas por padre Penalva – teólogo, professor, crítico, musicólogo, regente –, traça considerações detalhadas sobre a linguagem de cada obra e, principalmente, classifica e discute as suas fases estilísticas de composição. O livro fornece assim uma clara idéia da variedade de linguagens contemporâneas utilizadas pelo compositor – passando entre outras pelo dodecafonismo, glossolália, manchas e massas sonoras, música matérica – e da evolução estilística de suas composições. Também são listadas as publicações de Penalva na área da música, bastante numerosas.

A rigidez da origem acadêmica dos trabalhos é amenizada em ambas as publicações, mas de maneiras distintas. No texto introdutório, "O compositor e sua obra", Elizabeth Prosser não esconde a grande admiração pelo seu mestre, retratando Penalva não somente como profissional, mas também como uma grandiosa figura humana, descrição com a qual todos que conhecemos padre Penalva nos identificamos. A autora inclui trechos transcritos de depoimentos do compositor, onde ele relembra influências, conquistas, e singularmente define sua obra: "a música tem que passar emoção. Eu mesmo sou assim: eu preciso da emoção, eu sinto emoção!" E é com uma justa dose de emoção que a autora introduz seu mestre.

O fechamento do livro não poderia ser melhor: cópias de seis valiosos manuscritos, ainda não editados: *Brasil Menino* para solo feminino, coro e piano (1970), *Informação sobre a Serra das Esmeraldas* para flauta doce, solista e coro (1970), *Acalanto* para flauta doce, solista e coro (1971), *Diálogo* para piano (1973), *Ponteio* para piano (1990) e *Variações para órgão* (1988-1991), todos na bela caligrafia de Penalva.

No livro de Liana Justus e Miriam Bonk, a biografia de Henrique de Curitiba é apresentada de forma objetiva e suscinta, por listagem de datas e acontecimentos. Esta roupagem de praticidade e facilidade de acesso acompanha todo o livro. Aqui uma primeira idéia da linguagem do compositor é oferecida ao leitor não através de análises, mas pelos incipits de todas as obras catalogadas.

Os anexos ao final enriquecem singularmente a publicação, e destaco particularmente três deles.

O Anexo 3 traz textos do compositor sobre poesias brasileiras, onde ele revela seu gosto pela literatura e comenta sobre textos que utilizou em algumas de suas obras corais. Os poetas incluem Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Alphonsus de Guimarães e Alvarenga Peixoto.

No Anexo 4, as autoras transcrevem trechos de uma palestra proferida por Henrique de Curitiba em 2000 na Universidade Estadual de Londrina, onde ele comenta dezesseis de suas obras. Com espontaneidade e espirituosidade, tão próprias do Henrique, ele nos revela também gostos musicais, preferências (em afirmações como "a música coral é o meu gênero preferido"), influências ("tenho muita ligação com as tradições antigas", ou falando de Bach: "inspirar-se ... em seus materiais, nos parece perfeitamente lícito e natural"), relata fatos curiosos da sua trajetória, e coloca questionamentos aparentemente (e apenas aparentemente!) simples: "poder fazer uma música preferencialmente baseada na consonância e não na dissonância. Ao que parece, este é um privilégio reservado para poucos..."

O fechamento deste livro é também climático: um CD com onze obras de Henrique de Curitiba, incluindo piano solo, câmera, coro, e orquestra de cordas, com o próprio compositor – exímio pianista – participando como intérprete em várias faixas. Destaco a inventividade e originalidade das *Variações Frere Jacques* para piano solo, a bela *Serenata Noturna* para orquestra de cordas, e a fluidez espontânea das obras corais – *Pingos d'agua*, *Já Vem a Primavera*, e *Abril, Surpresas Mil* –, própria de um compositor que domina o metier. As autoras preparam agora a edição de todas as partituras de Henrique de Curitiba, a ser lançada em breve.

Os frutos destes dois trabalhos já começam a ser colhidos, com obras de Penalva e Henrique ganhando mais freqüência nas salas de concerto, como em recente programa do Coro da Camerata Antiqua de Curitiba (interpretando *Cantigas do Bem-querer* de Henrique de Curitiba), e no já esperado Festival Penalva, programado para outubro de 2003 em Curitiba. Que esta música seja levada mais vezes também ao público dos outros centros. Os músicos parananenses hoje atuantes certamente estão orgulhosos de seus mestres e gratos às autoras!

INGRID BARANCOSKI

ANTÔNIO VIEIRA DOS SANTOS – CIFRAS DE MÚSICA PARA SALTÉRIO (música de salão em Paranaguá e Morretes no início do século XIX). Estudo e transcrições de Rogério Budasz. Imprensa Oficial do Paraná, UFPR, Curitiba, 2002.

O códice ora publicado data de 1823 e seu autor, Vieira dos Santos, nasceu no Porto, Portugal, a 12 de dezembro de 1784, mas passou grande parte de sua vida no Brasil, no Rio de Janeiro e no Paraná. Era comerciante, ocupou cargos civis e religiosos e foi compositor, deixando várias obras atualmente em poder do Círculo de Estudos Bandeirantes, Curitiba. Faleceu em Morretes, PR, em 24 de julho de 1854.

O saltério teve bastante voga na Europa nos séculos XVI ao XVIII e era instrumento de sonoridade agradável, exigindo porém um hábil solista. Vivaldi e Jomelli escreveram obras para o saltério e, na Espanha, Antônio Solér também compôs para o instrumento. Lembro que o saltério era feito de uma caixa de ressonância de madeira, sobre a qual se estendiam séries de cordas entre pinos metálicos ou de madeira. O sucesso da harpa, do cravo e depois do piano pôs de lado o saltério, que não podia reproduzir a música cromática do Renascimento. Era um ancestral do cravo e do piano.

O livro contém um erudito estudo do professor Rogério Budasz, do Departamento de Música da UFPR.

A edição é fartamente ilustrada a cores e a preto-e-branco. Aos admiradores da música da época no Brasil, recomendo vivamente esta bela publicação da UFPR e louvo o meritório trabalho de Rogério Budasz.

VASCO MARIZ

RESENHAS • CDs

VILLA-LOBOS HEKEL TAVARES AO VIVO NO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. Roberto Tibiriçá, regente, e Arnaldo Cohen, piano. Orquestra Sinfônica Pro-Música. CD comemorativo dos 50 anos da Petrobras.

Em boa hora vem a Petrobras patrocinando a Orquestra Pro Música, que já pode ser incluída entre as nossas melhores orquestras. O CD em apreço apresenta boa qualidade de som, apesar de haver sido gravado ao vivo. O repertório escolhido por Roberto Tibiriçá, ilustre membro recém-eleito da ABM, poderá parecer eclético e até estranho à primeira vista: incluiu a desgastada peça de Villa-Lobos *O Trenzinho Caipira*, que hoje já virou até música de fundo para programas de rádio e televisão. Aliás devo sublinhar que a versão de Tibiriçá está primorosamente interpretada e revela novas facetas da obra.

Deu-nos também outra obra-prima de Villa-Lobos, raramente programada e gravada, o *Choros Nº 6*, oportunamente revivido em grande estilo, e – surpresa ! – o *Concerto para piano e orquestra* do meu velho amigo Hekel Tavares, peça romântica há muito completamente esquecida, nos dedos hábeis de Arnaldo Cohen, hoje pianista de renome internacional, professor da Royal Academy de Manchester. A iniciativa de reviver o concerto de Hekel Tavares não deixa de ter sido uma boa idéia e faz justiça ao controvertido compositor. Chamo-o assim porque após haver feito enorme sucesso com suas canções de sabor folclórico, nos anos 30 e 40 do século passado, Hekel lançou-se a uma perigosa aventura no setor da música erudita. Houve resistências de seus colegas clássicos e da crítica musical, que o julgaram despreparado para esse salto. Estamos vendo agora que estavam equivocados, pois Tibiriçá e Cohen nos oferecem belas páginas de música romântica, dignas de ser ouvidas e apreciadas, com sabor nacionalista de bom gosto.

VASCO MARIZ

LANÇAMENTOS • CDs

ALMA GAÚCHA
Miguel Proença, piano
Obras de Radamés Gnattali (*Suíte Brasiliana Nº IV, Canhoto, Alma Brasileira, Caprichosa, Vaidosa, Negacenado* e *10 Valsas para piano*), Araújo Vianna (*Improviso, Rêverie* e *Presto*), Paulo Guedes (*Chorinho*), Natho Henn (*Pastoral, Tapera* e *Rolinha*), Ernesto Nazareth (*O Gaúcho*) e L.M. Gottschalk (*Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro*).
Lançamento independente

VILLA-LOBOS POR JOÃO CARLOS ASSIS BRASIL
João Carlos Assis Brasil, piano
Obras de Villa-Lobos (*Prelúdio da Bachianas N°4, Lenda do Cabloco, Valsa da Dor, Prelúdio N°3 para Violão, Alma Brasileira, Poema Singelo, Hommage A Chopin – Noturno /Ballada, Ciclo Brasileiro: Plantio do Cabloco, New York Skyline*). *Improviso em homenagem a Villa-Lobos*.
Selo Rádio MEC BR. Distribuição Rob Digital.
www.robfilmes.com.br

RELÍQUIAS DA MÚSICA BRASILEIRA
Duo Francisco Mignone; Maria Josephina Mignone e Miriam Ramos, pianos
Obras de Zequinha de Abreu, Ernesto Nazareth e de Francisco Mignone.
Selo RioArte
mramos@prolink.com.br

CANÇÕES BRASILEIRAS
Sandra Félix, soprano. Scheilla Glaser, piano
Obras de Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Osvaldo Lacerda, Ronaldo Miranda, Villa-Lobos, Carlos Gomes, Antônio Ribeiro, Alberto Nepomuceno, entre outros.
Paulus Música
www.paulus.com.br

AMAZÔNIA É BRASIL
Turíbio Santos, violão. Carol McDavit, soprano.
Obras de Villa-Lobos, Claudio Santoro, Waldemar Henrique e Jaime Ovalle.
Selo Rob Digital
www.robfilmes.com.br

HARRY CROWL
Leilah Paiva, piano. Atli Ellerdensen, violino. Mário da Silva, violão. Anna Toledo, soprano. Carlos Assis, piano. Otinilo Pacheco, clarone. Grupo Novo Horizonte de São Paulo. Analaura de Souza Pinto, piano. Orquestra Sinfônica do Paraná/ Roberto Duarte, regente.
Obras de Harry Crowl
CD duplo. Lançamento Universidade Federal do Paraná.

ALMEIDA PRADO – OBRAS PARA PIANO & PIANO E VIOLINO
Luís Senise, piano. Elizabete Aparecida, piano. Constanza Almeida Prado, violino. Helenice Audi, piano.
Obras de Almeida Prado (*Cartas Celestes I; Rosário de Medjugordje* e *Sonata Nº 3 para violino e piano*). Produção independente.
mramos@prolink.com.br

PIANISTA ISIS MOREIRA
Isis Moreira, piano
Obras de Almeida Prado (*Variações, Recitativo e Fuga; Momento Nº 5 (Das Verdes Alturas)*, Dinorá de Carvalho (*Sonata N°1*), Villa-Lobos (*Cirandas 1 a 16*) Produção Independente (Mirian Ramos). mramos@prolink.com.br

Abstracts

Revaluating the Brazilian Musical Romanticism
Ricardo Tacuchian

A panorama of the current knowledge of the Brazilian Musical Romanticism. The paper points out the reasons that drove the 19th century and early 20th century Brazilian Music to a silent forgetfulness and raises issues about its revivaL

The life and work of José Penalva
Elisabeth Seraphim Prosser

The article presents information about the life, the work, the esthetic language and the philosophy of José Penalva (member of the Brazilian Academy of Music), thus allowing an appraisal of his achievements, his expressiveness and his importance to contemporary Brazilian music. The oeuvre of Father José Penalva demonstrates, on one hand, a composer who was concerned with the reflexive and philosophical aspects of creation, and on the other hand, a musician endowed with refined humor and profound humanity.

Darius Milhaud: 80 years of Music
Anna Stella Schic Philippot

When the eightieth birthday of French composer Darius Milhaud was being commemorated, Brazilian pianist Anna Stella Schic Philippot visited the master for an interview which had been commissioned by the newspaper O Estado de São Paulo. In that meeting, in 1972, Milhaud remembered his visit to Brazil fifty years before, and talked about the vivid memories of the land that he kept in his memory, his music and his heart.

A salute to Ilza Nogueira
Vasco Mariz

The salute read when Ilza Nogueira was invested in the Brazilian Academy of Music, in April 1, 2003. The author emphasizes the multi-faceted personality of the new member from Bahia, who lives in Paraíba, and who, besides being an educator, is also a musicologist, researcher, writer and composer.

A salute to Lutero Rodrigues
Ernani Aguiar

The salute read when Lutero Rodrigues Nogueira was invested in the Brazilian Academy of Music, in April 1, 2003. After a panoramic view of the conductor's career, the author stresses his fundamental importance in the dissemination of Brazilian repertoire, be it through orchestra performances , researches, teaching or radio programs.

A próxima edição de Brasiliana circula em setembro de 2003

Colaboram Nesta Edição

Ricardo Tacuchian é compositor e regente. Doutor em música pela University of Southern California, professor da Universidade do Rio de Janeiro, membro e ex-presidente da Academia Brasileira de Música. Escreve para as principais revistas especializadas em música no Brasil. Em 2000 foi residente da Villa Serbelloni, em Bellagio, Itália, sob o patrocínio da Rockefeller Foundation. Em 2002, recebeu encomenda da Fundação Apollo, de Bremem (Alemanha), para compor ciclo de canções com versos de Drummond, e foi compositor convidado do Oitavo Festival Other Minds, em São Francisco (EUA). Acaba de retornar de Portugal, onde foi professor visitante da Universidade Nova de Lisboa e pesquisador do Museu da Música Portuguesa, em Cascais.

Elisabeth Seraphim Prosser flautista, cravista e pesquisadora, estudou no Canadá de 1980 a 1986. Fundadora e solista da Camerata Antiqua de Curitiba, gravou discos, vídeos e CDs e tocou sob a regência de Roberto de Regina, José Penalva, Roberto Schnorrenberg e Lutero Rodrigues, entre outros, e com músicos como Edmundo Hora, Ingrid Seraphim, Ricardo Kanji, Pierre Hamon, Maria Alice Brandão etc. Professora, artista convidada e palestrante de diversos cursos de verão e inverno, e diretora artística e organizadora de inúmeros cursos e oficinas de música. Especialista em história da música e mestre em educação, tem artigos publicados no Brasil e no exterior. É membro do corpo docente da PUC-PR e da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Autora de diversos livros, edita, ainda, os ANAIS dos Simpósios Latino-Americanos de Musicologia, das Jornadas de Iniciação Científica em Arte da EMBAP e dos Fóruns de Pesquisa Científica em Arte da EMBAP, eventos que organiza.

Anna Stella Schic estudou no Brasil com José Kliass (aluno de Martin Krauss, discípulos de Liszt). Aperfeiçoou-se com Marguerite Long, em Paris. Michel Philippot, Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Garcia Morillo, Claudio Santoro e Almeida Prado lhe dedicaram partituras. Estreou, sob a direção do próprio Villa-Lobos, o *Concerto Nº 2* e *Momo precoce*. Dentre suas gravações destaca-se a integral da obra para piano de Villa-Lobos. Anna Stella Schic ocupa a cadeira 26 da Academia Brasileira de Música.

Vasco Mariz musicólogo e historiador brasileiro, é autor dos livros: *Heitor Villa-Lobos* (12 edição, a última 1991, das quais 6 do exterior), *Dicionário Biográfico Musical* (3 edições , a última 1991), *A Canção Brasileira* (5 edições, a última 1985), *A História da Música no Brasil* (5 edições, a última em 2000), *Três musicólogos* (1985), *Claudio Santoro* (1994). Ex-presidente da Academia Brasileira de Música (1991-1993).

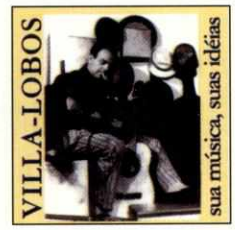
Ernani Aguiar é professor de regência do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO e da Escola de Música da UFRJ. Foi coordenador do *Projeto Orquestras* da Funarte (1982-1985). Em 1990, recebeu o título de Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro. Como regente, dedica-se especialmente ao repertório brasileiro e ao repertório contemporâneo internacional. Como pesquisador, tem sua atenção totalmente voltada para a música brasileira do período colonial, tendo realizado edição crítica de grande quantidade de obras. Como compositor, tem tido sucesso expressivo, e sua música está freqüentemente presente em programas de concertos, no Brasil e no exterior, existindo boa quantidade de edições fonográficas de obras suas.

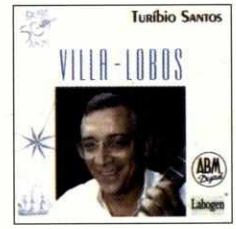
Ingrid Barancoski é Doutora em Piano pela Universidade do Arizona, tendo também, em sua formação, participado de renomados festivais como Cliburn Piano Institute(EUA) e Centre Acanthes (França). Como pianista, é detentora de diversas premiações, e sua atividade inclui concertos como solista e camerista. Com um repertório que abrange todos os estilos e períodos musiciais, dedica especial interesse para a música contemporânea; tem sido responsável por estréias nacionais e mundiais de obras de George Walker, Almeida Prado, Roberto Victorio e Dawid Korenchendler. Atua como docente no Instituto Villa-Lobos e no Programa de Pós-Graduação em Música da UNI-RIO.

A Academia Brasileira de Música tem o prazer de apresentar os CDs do selo ABM Digital e parcerias

Um rico painel da música clássica brasileira em gravações de alta qualidade

novo! novo!





All collection in bilingual (Portuguese/ English) brochures

Informações e vendas

Tel.: (21) 2205-3879/ 2205-1036 • vendas@abmusica.org.br